CAMPANHA GLOBAL PELA
EDUCAÇÃO
www.campaignforeducation.org

CRIANDO ESPAÇOS PARA A ADVOCACIA LIDERADA POR JOVENS E ESTUDANTES

Análise do impacto do COVID-19 na organização dos jovens e estudantes
Apelo para uma acção urgente para a inclusão de jovens e estudantes em espaços de advocacia

Chris Millora

Grupo Global de Jovens e Estudantes, março de 2022

CONTEÚDO

Prefácio da Campanha Global pela Educação (CGE 3
Sumário Executivo: Principais Resultados e Recomendações 3

1 **Introdução** 6

Objectivos e âmbito 7
Metodologia 10
Limitações da pesquisa actual 11

2 **Reivindicar, unir e compartilhar espaços: conceitualização do envolvimento de jovens e estudantes a partir de uma lente de descolonização** 12

2.1. Definição da organização dos jovens e estudantes. 12
2.2. Reivindicar, unir e compartilhar espaços: um marco conceitual 14

3 **O impacto do COVID-19 na organização de jovens e estudantes: explorando dados existentes globalmente** 16

3.1. Problemas persistentes exacerbados: Desemprego, Desigualdade na Educação e Violência Baseada no Género 16
3.2. Uso do COVID-19 como modo de reprimir a voz de estudantes e jovens 18
3.3. Mudança do activismo online 18
3.4. A organização de jovens e estudantes persiste 19

4 **'Não parámos de trabalhar': Principais descobertas sobre as mudanças e movimentos na organização de jovens e estudantes durante o COVID-19** 20

4.1. Movendo entre plataformas: mudanças nas ferramentas e modos de organização 20
4.1.1. Oportunidades: alcançando mais, campanhas globais 20
4.1.2. Desafios: mover rapidamente num mundo de divisões digitais 22
4.2. Recalibragem dos objectivos e prioridades de advocacia 25
4.3. Mudança dos recursos e cenários de financiamento 28
4.4. Foi ouvido mas não compreendido? Aumento da demanda de participação genuína e significativa 29
4.4.1. Recuo de envolvimentos simbólicos (tokenistic) 30
4.4.2. Envolver jovens e estudantes na tomada de decisões: pontos de vista das partes interessadas e líderes regionais 31
4.4.3. Redução dos espaços da sociedade civil 32
4.5. ‘Todo mundo estava tão consumido em sobreviver’: o impacto multidimensional do COVID-19 para jovens e estudantes organizadores 33
4.6. ‘Encontrar soluções juntos’: COVID-19, incerteza e solidariedade sem fronteiras 35

5 **Uma Agenda para Acção: Implicações e recomendações de políticas** 37

Obras Citadas 40
Anexo A: Perfil dos entrevistados 42
Anexo B: Tópicos discutidos durante as entrevistas 43

Prefácio da Campanha Global pela Educação

Vozes da Rede dos Jovens e Estudantes da CGE
Estimular uma Agenda de Acção Urgente

"Nosso princípio sempre foi que
não pode-se falar sobre educação na ausência do beneficiário.
A declaração que é frequentemente usada pelos jovens
'nada para nós sem nós'
alinha com os objectivos da Campanha Global pela Educação."

Grant Kasowanjete, Coordenador Global da CGE

A Campanha Global pela Educação (CGE) é o maior movimento de organização da sociedade civil que promove o direito humano à educação. A Agenda de Educação 2030 (E2030)/ODS4 está no centro da estratégia da CGE para pressionar os governos e a comunidade internacional a cumprir seus compromissos de fornecer educação pública gratuita, inclusiva e de qualidade e aprendizagem contínua para todos, particularmente para crianças, jovens, mulheres, e os das comunidades excluídas.

Um objectivo fundamental da CGE é criar espaços e plataformas ousados para jovens e estudantes. Espaços e plataformas que incluem liderar discussões, documentar perspectivas, co-gerar estratégias e desenvolver agendas compartilhadas para advocacia e activismo em educação. Esta é a principal motivação por trás do trabalho e das iniciativas de envolvimento da juventude defendidas pela CGE e pelo movimento nos últimos anos.

À medida que a CGE cresce e fortalece seu envolvimento de jovens e estudantes, um ponto categórico é a criação de espaços e plataformas para que jovens e estudantes também construam relações de solidariedade e capacitação entre os membros, especialmente numa era "pós-pandemia".

Na 5ª Assembleia Mundial em 2015, todos os membros da CGE reconheceram formalmente a necessidade de incluir uma representação significativa de crianças e jovens de forma progressiva e estrutural em seus círculos eleitorais. Com isto, a necessidade de funcionários ou colaboradores facilitarem o envolvimento destes representantes nas tomadas de decisões, planejamentos e acções – alinhados com seus interesses, necessidades e idade.

Em Novembro de 2018, antes da 6ª Assembleia Mundial, a primeira Convenção da Juventude da Campanha Global pela Educação deu início a uma visão ambiciosa de mobilizar a juventude global para garantir um envolvimento genuíno e significativo da juventude em todos os níveis do movimento. A visão foi adoptada pela CGE como um de seus objectivos.

O compromisso e as vozes de jovens activistas, estudantes e jovens agentes de mudança foram sentidos e ouvidos em todo o movimento durante o COVID-19, crises nacionais e movimentos sociais a pedir reformas económicas e políticas. O incentivo da solidariedade e aliança entre gerações é uma grande força dentro do movimento.

Tendo ouvido o grande apelo dos jovens e activistas estudantis em todo o movimento para centralizar a descolonização, o feminismo e a solidariedade entre gerações, a CGE está pronta para enfrentar o desafio. Ao fazer isto por meio dos compromissos e da estratégia da CGE contribuirá para garantir que estas vozes, perspectivas, liderança e contribuições mantenham a dinâmica. Este Relatório de pesquisa e agenda de acção começa a fazer exactamente isto.

Sumário Executivo: Principais Descobertas e Recomendações

Há evidências esmagadoras sobre o impacto complexo e múltiplo da pandemia na educação e no emprego dos jovens. No entanto, pouco sabe-se sobre como o COVID-19 influenciou a organização e o activismo dos jovens e estudantes.

Este Relatório – encomendado pela Campanha Global pela Educação – traz uma nova visão sobre as realidades e experiências de jovens e estudantes organizadores durante a pandemia do COVID-19. Ele baseia-se em uma revisão documental e entrevistas semiestruturadas com os organizadores dos jovens e estudantes, partes interessadas e líderes regionais das redes dos jovens e estudantes da CGE na África, América Latina, Oriente Médio e Norte da África e Sudeste Asiático.

Esta pesquisa demonstra que os organizadores dos jovens e estudantes são inovadores e pensadores criativos, sem medo de quebrar o molde e desafiar o status quo – independentemente de recursos limitados, novos desafios e respostas punitivas de actores estatais e não estatais. Ao longo das crises aceleradas e convergentes durante a pandemia, os jovens tomam pulso por conta própria e adaptam rapidamente o seu trabalho às necessidades. Quando têm espaço para influenciar as políticas, os jovens exigem responsabilidade e melhorias nas políticas e programas que os desapontam. Responsabilidade e melhora da corrupção, policiamento e censura para reconfigurar significativamente as relações de poder em espaços activistas.

Ao considerar o estado da organização dos jovens e estudantes durante a pandemia, este relatório apresenta as seguintes descobertas principais.

- **Mudando de posição entre plataformas: mudanças nas ferramentas e modos de organização**
  Enquanto muitos activistas jovens e estudantes recorreram a espaços virtuais e online para protestar, conscientizar e realizar actividades, vários mantiveram interacções presenciais e formas híbridas de organização. A mudança para recursos online amplia seu alcance e mantém conexões com redes existentes apesar das restrições. No entanto, a crescente exclusão digital – falta ou conectividade limitada e/ou dispositivos e habilidades tecnológicas restringiram a participação nas actividades organizacionais. As restrições levaram à formas individuais de organização, como o voluntariado em suas comunidades locais.

- **Recalibrar objectivos e prioridades de advocacia**
  O impacto complexo criado pela pandemia influenciou os jovens a mudarem o seu foco para responder às realidades da época. As mudanças ocorreram de cinco maneiras:

  1. eles permaneceram concentrados na educação, destacando os desafios relacionados ao COVID-19
  2. usaram a educação como ‘ferramenta’ para responder à pandemia – como conscientização, combate às fake news
  3. assumiram a responsabilidade e monitoraram a resposta dos governos à pandemia
  4. encontraram novos territórios de actuação e novos públicos-alvo
  5. conectaram questões como educação e saúde..

- **Mudando os cenários de recursos e financiamento**
  Os organizadores dos jovens e estudantes precisam navegar num cenário de financiamento que mudou sua própria ênfase para financiar respostas imediatas à pandemia, intervenções baseadas em tecnologia para a educação. Organizações de jovens e estudantes com relativamente bons recursos reaproveitaram as economias de eventos presenciais cancelados para comprar dados, doações e pesquisas.

- **Maior demanda por participação genuína e significativa**
  Os jovens estão a lutar contra o simbolismo e os espaços não representativos para o diálogo sobre criminalização, policiamento e controle. Jovens, partes interessadas e líderes regionais destacaram a importância do envolvimento e representação significativos dos jovens em diálogos sobre políticas que impactam suas vidas.

- **O COVID-19 teve impactos multidimensionais sobre os organizadores dos jovens e estudantes**
  Embora o discurso comum tenha concentrando-se na contribuição dos jovens para as respostas à pandemia, este Relatório destaca o complexo impacto físico, mental e económico da pandemia na vida pessoal, nos meios de subsistência e na escolaridade dos jovens. Estudantes e organizadores dos jovens também são vulneráveis a traumas e violência durante seu activismo.

- **A pandemia ajudou a facilitar a solidariedade sem fronteiras**
  A pandemia tornou-se uma experiência compartilhada que facilitou a solidariedade e inspirou jovens e estudantes – regional e internacionalmente, a encontrar soluções colaborativas para problemas locais. As colaborações e vínculos proporcionaram oportunidades para aprender e compartilhar as melhores práticas.

Com base nestas descobertas, este Relatório apresenta três princípios para facilitar o envolvimento genuíno e significativo de jovens e estudantes em contextos de crise:

1. descolonizando práticas participativas
2. compreensão interseccional de jovens e estudantes
3. solidariedades situadas e globais

Dentro deste contexto, a CGE faz quatro recomendações políticas importantes dirigidas ao governo, formuladores de políticas, organizações internacionais e organizações da sociedade civil.

- Definir e garantir participação e advocacia genuínas e significativas nas políticas domésticas e organismos internacionais.
- Reconstruir melhor através do aumento da capacidade e do acesso digital para organizadores dos jovens e estudantes.
- Investir na organização da juventude, por meio de mecanismos flexíveis de financiamento, recursos e gastos para uma recuperação inclusiva e resiliente.
- Investir em programas e actividades de saúde mental e apoio psicossocial para activistas, especialmente em contextos de emergência.

1. Introdução

A COVID-19 impactou a vida de mais de 1,8 bilhão de jovens em todo o mundo, noventa por cento dos quais vivem nos chamados países[1] do Global Sul e já enfrentam vulnerabilidades e marginalização convergentes.

O desemprego global dos jovens aumentou[2] com o dobro da probabilidade dos trabalhadores jovens viverem na pobreza em comparação com os adultos[3].

As escolas fecharam para mais de 168 milhões de crianças[4], enquanto a falta de conectividade e dispositivos digitais deixaram pelo menos um terço dos alunos incapazes de acessar o aprendizado[5] online.

As desigualdades aumentaram onde os mais marginalizados sofrem[6] desproporcionalmente.

Faltando menos de uma década para 2030, a pandemia reverteu o progresso em muitas das metas de desenvolvimento sustentável relacionadas à saúde, educação e redução da pobreza[7]. Particularmente tendo impacto no ODS4 – educação.

Apesar das fortes suposições de uma multidão[8] jovem apática, os jovens estão no comando de muitos movimentos sociais, líderes em suas próprias comunidades e principais impulsionadores e agitadores em suas escolas e universidades. Tudo isto durante e além do COVID-19[9].

Contra o pano de fundo de um mundo dominado por adultos, estes actos de activismo desafiam o que tem sido descrito como o pensamento do "déficit da juventude" predominante nas discussões sobre envolvimento político da juventude[10]. Jovens e estudantes são frequentemente vistos como apáticos, frustrados e desencantados[11]. Quando organizam-se, seu trabalho é desvalorizado porque são vistos como inexperientes, problemáticos e em risco de serem desviados da vida adulta responsável[12,13,14].

Durante a pandemia, havia muitas referências de estereótipos negativos, como jovens avessos a serem vacinados ou teimosos demais para seguir as regras do COVID-19[15]. Ainda assim, seus movimentos existem mesmo no contexto de espaços cada vez menores da sociedade civil que atendem ao activismo da juventude com criminalização, vigilância e policiamento injustos[16]. A acção social de jovens e estudantes persiste mesmo em momentos de múltiplas crises exacerbadas pela pandemia e pelo desafio das crescentes desigualdades, da emergência climática, do desemprego e dos conflitos e guerras contínuos.

Em todo o movimento e rede da CGE, os jovens estão a mobilizar-se para defender o financiamento da educação, a igualdade na educação enquanto confrontam as realidades vividas em seus contextos para promover sua advocacia.

As análises contextuais feitas pelos jovens sobre as experiências durante as reuniões da CGE em 2021 e 2022 revelaram vários temas e realidades no campo. Alguns dos temas emergentes incluem os impactos negativos da crescente privatização da educação e a necessidade de garantir educação gratuita e acessível para todos.

O contexto incluiu a questão das estruturas e estratégias globais desconectadas para a participação dos jovens. A exclusão digital exacerbada pelo COVID-19 e a redução dos espaços de organização e a falta de poder transformador estão entre outros temas que emergiram da análise contextual dos jovens e estudantes de dentro da constituência da CGE.

As realidades vividas destacaram a urgência da situação e definiram claramente que jovens e estudantes devem estar no centro da advocacia nas questões que afectam directamente sua educação e futuro. Eles devem identificar a agenda e as soluções para os desafios que enfrentam diariamente.

Os jovens persistiram em seu activismo, apesar ou devido ao impacto multidimensional e preocupante do COVID-19 em suas vidas e suas comunidades. Desde jovens em Chennai e Bangalore, na Índia, a distribuírem pacotes de alimentos para trabalhadores assalariados urbanos[17], até a criação de campanhas e aplicativos online para enfrentar os desafios enfrentados por jovens com deficiência na América Latina[18].

1. UNFPA, n.d.
2. International Labor Organization 2020
3. UN 2020
4. UNICEF 2021
5. UNESCO n.d.
6. Leach, et. al. 2021
7. UN 2020
8. Earl Maher and Elliott 2017 discuss the strong deficit discourse that frame young people's political participation.
9. ILO 2020
10. Osler and Starkey 2003
11. See the exploration of della Porta 2019
12. Millora and Karunungan 2021
13. Power 2012
14. Grasso and Bessant 2018
15. Simpson and Altiok 2020
16. Millora and Karunungan 2021
17. Citizen Matters: https://citizenmatters.in/wp-content/uploads/sites/2/2020/03/HELP-INDIA-PDF.pdf
18. UN Women 2021https://www.unwomen.org/en/news-stories/feature-story/2021/12/persisting-in-the-pandemic-youth-activism-during-covid-19

Muitas pesquisas sobre as ligações entre os jovens e o COVID-19 concentram-se em como a pandemia afecta suas situações socioeconómicas – como emprego e educação. No entanto, pouco sabe-se sobre como a pandemia impactou as actividades de organização de jovens e estudantes.

A organização, o activismo e os movimentos são uma característica importante da vida dos jovens. Da mesma forma, jovens e estudantes têm sido fundamentais em muitos movimentos sociais dentro e fora dos espaços educacionais[19,20]. Do Canadá e Chile à Coreia do Sul e África do Sul, muitos movimentos de jovens e estudantes vêm desafiar as políticas neoliberais aparentemente desenfreadas sobre o ensino superior. Políticas que levam ao aumento das propinas e à diminuição da qualidade da educação[21,22,23].

Além da educação, estudantes e jovens também desempenharam papéis significativos na resposta das questões sociais mais amplas, como os protestos contra a Guerra do Vietnã, o movimento Black Lives Matter, acção climática, saúde sexual e desemprego.

Objectivos e âmbito

A CGE encomendou este Relatório com o objectivo principal de entender como a organização de jovens e estudantes adapta-se e prospera em meio às crises de hoje. Por sua vez, o que isto significa para as partes interessadas que apoiam e defendem o envolvimento dos jovens daqui para frente.

À medida que o mundo começa a entender a gravidade e a extensão dos desafios e oportunidades trazidos pela pandemia, este relatório mergulha profundamente em como a organização dos jovens e estudantes foi adaptada e como floresceu durante a pandemia global. Especificamente, este Relatório visa:

1. Mapear, considerar e documentar as realidades e experiências das organizações dos jovens e estudantes, organizadores e activistas durante a pandemia do COVID-19.
2. Explorar modificações e mudanças que ocorreram nas motivações e métodos da organização dos jovens e estudantes no contexto da pandemia do COVID-19 em andamento.
3. Documentar as lições aprendidas e as visões adquiridas pelas organizações dos jovens e estudantes até o momento.
4. Identificar políticas e recomendações práticas para as organizações dos jovens e estudantes, organizações da sociedade civil, organizações internacionais, formuladores de políticas e os vários actores comprometidos em envolvê-los numa base de trabalho de advocacia nesta área.

Este Relatório chega num momento em que há um maior compromisso da CGE e das organizações e grupos internacionais para aproveitar as vozes dos jovens em prol do desenvolvimento[24].

Durante as Assembleias Mundiais da CGE de 2015 e 2018, a esmagadora maioria dos membros da CGE reconheceu o poder dos jovens em alcançar mudanças, especialmente ao construir sua própria agência. Isto concretizou-se através da aprovação de uma resolução[25] para incluir uma constituência jovem no Conselho da CGE. Além disto, a CGE vem a realizar uma série de iniciativas desde 2018 para proporcionar aos jovens espaços onde possam liderar discussões e co-criar agendas nos aspectos da educação que dizem respeito a eles[26].

Esta chamada é ecoada em outro lugar. Durante o Fórum da Juventude ECOSOC, a Alta Comissária para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, declarou: “Estabelecer e melhorar os canais de participação, ao reconhecer o valor das vozes dos jovens, é uma prioridade urgente”[27]. Em seu relatório *Our Common Agenda (Nossa Agenda Comum),* o Secretário-Geral da ONU inclui em sua agenda de acção a necessidade de incluir o envolvimento significativo, diversificado e efectivo da juventude numa variedade de preocupações globais urgentes[28].

Este relatório fornece recomendações de políticas sobre como organizações como a CGE e outros actores estatais e não estatais criam um ambiente propício para que a acção social dos jovens e estudantes prospere – um componente importante à medida que as sociedades começam a imaginar um futuro pós-pandemia.

19. Earl, Maher, and Elliott 2017
20. Millora and Karunungan 2021
21. The ‘Maple Spring’ in Canada saw the largest student protest in the history of the country (around 300,000) walk the streets of Quebec to protest against increasing tuition fee following austerity measures by the government. See Bégin-Caouette and Jones 2014
22. Privatisation alongside decreasing public expenditure have also driven students in South Korea in 2000 to protest in the streets against tuition fee increase, see Shin, Kim and Choi 2014
23. The Chilean ‘Penguin’ Revolution has challenged neoliberal policies in education in the country, see Chovanec and Benitez 2008
24. See for instance ASPBAE’s (2021) initiative on Youth Led Participatory Action Research
25. See Policy Resolutions adopted by the 6th GCE World Youth Assembly: https://campaignforeducation.org/images/downloads/f1/1081/2019-policy-motions-en.pdf
26. GCE Caucus Report 2022
27. See statement by the High Commissioner here: https://www.ohchr.org/en/statements-and-speeches/2022/04/covid-19-recovery-youth-taking-action-sustainable-future
28. See the Summary of ‘Our Common Agenda’ here: https://www.un.org/en/content/common-agenda-report/assets/pdf/Common_Agenda_Summary_English.pdf

Cronologia do Envolvimento da Juventude e dos Estudantes

Assembleia Mundial de 2015

Na5.ª Assembleia Mundial, em 2015, a plena adesão à Campanha Global para a Educação reuniu-se e reconheceu formalmente a necessidade de se comprometer a incluir uma representação significativa de crianças e jovens progressiva e estruturalmente no movimento.

Em novembro de 2018, antes da 6ª Assembleia Mundial, realizou-se o primeiro Caucus Juvenil da Campanha Global para a Educação, iniciando uma visão ambiciosa de mobilização da juventude global para garantir um envolvimento genuíno e significativo dos jovens do movimento a todos os níveis.

Novembro de 2018

Assembleia Mundial de 2018

Durante a Assembleia Mundial de 2018 em Kathmandu, no Nepal, foi proposta a alteração relativa à representação do eleitorado juvenil no conselho da GCE para garantir dois lugares para as organizações geridas por jovens a nível regional ou internacional.

Em 2019 realizou-se em Joanesburgo um encontro estratégico e contou com a presença de jovens e estudantes de todo o movimento, o encontro foi o início da concretização das adoções e compromissos assumidos na Assembleia Mundial realizada em 2015. As discussões e as ações acordadas nesta reunião podem ser descritas no Relatório de Reunião Estratégica da Juventude.

Encontro Estratégico 2019

Entre 2019 e 2021

Realizaram-se eleições para os lugares do conselho de jovens e estudantes da GCE. Os lugares do conselho de administração do círculo eleitoral para as organizações internacionais e regionais de juventude e estudantes

Global Youth and Students Caucus em Arusha, Tanzânia para finalizar a Estratégia da Juventude e a Formação de Grupos de Ação Juvenil através da rede GCE Juventude e Estudante.

Março de 2022

Metodologia

Esta pesquisa baseia-se principalmente em 19 entrevistas semiestruturadas com 11 jovens e estudantes organizadores que fazem parte da rede de jovens e estudantes da CGE, cinco partes interessadas e três líderes regionais que apoiam o envolvimento dos jovens e estudantes na educação.

Muitos dos activistas jovens e estudantes são líderes de suas próprias organizações de jovens e estudantes, enquanto outros são membros e facilitadores das redes regionais de estudantes e coalizões de jovens. A selecção dos participantes começou com uma longa lista de potenciais participantes da qual vários jovens foram convidados. Isto seguiu a amostra intencional e a garantia de igualdade de género e representação nas quatro regiões onde a CGE trabalha: África, Sudeste Asiático, América Latina e Oriente Médio e Norte da África.

Uma breve introdução à pesquisa também foi apresentada durante a Convenção dos Jovens e Estudantes da CGE que serviu de convite para quem estiver interessado em participar da pesquisa. A pesquisa também foi divulgada por meio dos grupos de WhatsApp da rede dos jovens e estudantes da CGE.

Os participantes jovens e estudantes são líderes de organizações locais, coalizões regionais e campanhas internacionais. As partes interessadas incluíam líderes de organizações não governamentais internacionais, coalizões de campanhas de educação e líderes de grupos regionais. O Anexo A traça o perfil dos entrevistados.

Uma revisão documental incluiu relatórios existentes, artigos académicos e outros documentos sobre organização dos jovens e estudantes durante o COVID-19, relatórios relevantes dos membros da CGE e relatórios intermediários de subsídios para ajuda na recuperação do COVID-19 para jovens e estudantes[29].

Este relatório também é informado por algumas observações on-line realizadas durante a Convenção dos Jovens e Estudantes da CGE que reuniu mais de 20 jovens e estudantes activistas de diferentes partes do mundo[30] para discutir e moldar a estratégia de envolvimento dos jovens da CGE[31].

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas de Abril a Maio de 2022. As perguntas da entrevista giraram em torno das experiências dos participantes em organizar movimentos de estudantes e jovens antes e durante o COVID-19, que inclui como a actual pandemia afectou suas motivações, actividades, prioridades e aspirações. As entrevistas semiestruturadas permitiram o compartilhamento de outros comentários e ideias que não foram abordados por estes tópicos (ver Anexo B para a lista de tópicos discutidos durante as entrevistas).

Em linha com o compromisso de uma abordagem de descolonização e feminista da pesquisa, foi importante colocar as vozes dos próprios activistas jovens e estudantes[32], no centro do palco. Este, portanto, será o conteúdo principal da secção de resultados do relatório (ver Parte 3). Para garantir que os participantes pudessem compartilhar seus pensamentos livremente, a CGE forneceu serviço de tradução em tempo real para aqueles que preferiram realizar a entrevista num idioma diferente do inglês. A participação foi voluntária e os participantes receberam uma folha de informações do participante antes de assinar um termo de consentimento.

Este Relatório utilizou a análise temática como principal estratégia de análise dos dados. As gravações das entrevistas foram ouvidas repetidamente e as anotações das entrevistas foram analisadas para produzir uma lista inicial de códigos emergentes. Códigos semelhantes foram agrupados em temas e uma narrativa e argumentação geral foi desenvolvida considerando as conexões entre estes temas.

Fiel à ética participativa desta pesquisa, a análise foi reforçada por meio de uma série de reuniões de feedback e de revisão. Análises iniciais e uma actualização de médio prazo foram apresentadas a um grupo de trabalho de pesquisa (o Anexo C refere-se a todos os membros do grupo da pesquisa) que deu feedback sobre os temas – que inclui ângulos que precisaram de mais exploração. A primeira versão do Relatório, juntamente com uma folha de feedback, também foi compartilhada com os participantes, o grupo de trabalho e membros do Secretariado da CGE que forneceram feedback escrito e oral durante uma reunião do grupo de trabalho.

29. The grant is an attempt to acknowledge and support the work that is being done by youth and student movements. About 15 were given to youth and student organisations to facilitate research and policy advocacy.
30. Participants were from Nigeria, Palestine, Honduras, Peru, Colombia, Ghana, USA, Namibia, Zimbabwe, Belgium, Cameroon, Austria, Brazil, South Africa, Philippines, Albania, and Tanzania
31. See the full report of the caucus here.
32. We were also aware that youth and student activists may face harassment and persecution in their countries, therefore all participants were anonymised in this Report and only the researcher has access to raw, non-anonymised data.

Limitações da pesquisa actual

Ao considerar a extensão e a natureza em constante mudança da organização dos jovens e estudantes, este Relatório apresenta limitações.

Embora o COVID-19 pareça estar a diminuir em muitos países, ainda é impreciso supor que estamos num período pós-pandemia. Com novas variantes a chegar e a distribuição global injusta de vacinas permanece sem solução, a situação continua a evoluir rapidamente. Portanto, uma abordagem mais longitudinal da pesquisa pode ser necessária para capturar ainda mais o impacto do COVID-19 ao considerar um cronograma mais longo.

O número de jovens e estudantes organizadores no mundo é enorme. De facto, uma amostra de 12 e uma ênfase na rede dos jovens e estudantes da CGE, é muito pequeno para generalização. Além disto, devido ao pequeno tamanho da amostra, não foi possível obter a opinião de jovens e estudantes com deficiência que sabemos são afectados desproporcionalmente.

No entanto, o objectivo deste Relatório não é a generalização estatística. A intenção foi apurar as experiências, histórias e visões específicas das actividades dos jovens e estudantes para expandir nossa compreensão de como seu trabalho transformou-se durante a crise global da pandemia.

2. Reivindicar, unir e compartilhar espaços: conceitualização do envolvimento dos jovens e estudantes a partir de uma lente de descolonização

Que possibilidade existe para nós reconhecermos e encorajarmos a participação de crianças e jovens em nosso mundo contemporâneo que é largamente determinado pelos adultos?
Savyasaachi e Udi Mundel Butler, 2014

A participação dos jovens significa e parece diferente em diferentes contextos. Esta secção descreve os fundamentos conceituais e os pontos de partida deste Relatório.

A participação dos jovens tem sido commumente vista como a integração dos jovens para o desenvolvimento de uma "boa sociedade"[33] . No entanto, esta mentalidade limitada parece marginalizar as experiências e visões do mundo dos jovens "não convencionais", como crianças de rua, crianças trabalhadoras, famílias chefiadas por crianças, jovens de baixa renda e grupos informais com semelhantes[34].

Além disto, um conjunto recente de estudos[35] descobriu a existência de "desigualdades geopolíticas de conhecimento" nos estudos da juventude. Actualmente, o campo é dominado por pesquisas sobre jovens no Global Norte, apesar de noventa por cento dos jovens do mundo viverem na África, América Latina e países em desenvolvimento na Ásia.

Estas observações parecem apontar para como as heranças e desigualdades coloniais continuam a penetrar no pensamento em torno da organização dos jovens e estudantes. A questão colocada por Savyasaachi e Butler acima é um ponto de partida útil para reconceituar a organização dos jovens e estudantes a partir de uma lente de descolonização – que torna visíveis as relações de poder que moldam estas acções.

Ao explorar como a organização dos jovens e estudantes mudou durante a pandemia, também é importante reconhecer as desigualdades e preconceitos em torno de quem são jovens e estudantes e no tipo de activismo que eles estão envolvidos.

2.1. Definição da organização dos jovens e estudantes.

Este Relatório usa **"organização de jovens e estudantes" para referir-se a uma ampla gama de acções sociais lideradas ou que envolvem principalmente jovens e/ou estudantes provenientes de uma variedade de origens para abordar e defender questões sociais – relevantes para suas vidas e comunidades.** Inclui, mas não limita-se a protestos, movimentos sociais, liderança em governos e conselhos de estudantes, conscientização e voluntariado.

Este Relatório reconhece que jovens e estudantes também podem ter modificado para o que tem sido denominado como "cidadania envolvida", onde a participação social está incorporada na vida cotidiana dos jovens – em oposição a uma actividade "separada" feita apenas em/através de organizações[36]. Seja qual for a iteração, a organização dos jovens e estudantes é vista neste Relatório como uma actividade instrumental, como planeamento de projectos ou organização de eventos, e um meio de reivindicar espaços, aumentar a voz e desafiar as relações de poder.

Um elemento importante da nossa compreensão da organização dos jovens e estudantes é a **interseccionalidade**. Ramificando-se das teorizações feministas negras, a interseccionalidade "descreve a maneira pela qual os sistemas de desigualdade baseados em género, raça, etnia, orientação sexual, identidade de género, deficiência, classe e outras formas de discriminação intersectam para criar dinâmicas e efeitos únicos"[37]. Quando aplicada à organização, a interseccionalidade permite compreender que as multidões de jovens e estudantes, embora possam estar a vivenciar questões compartilhadas, não são grupos homogéneos.

33. Savyasaachi and Butler, 2014
34. Savyasaachi and Butler, 2014
35. Swartz, Cooper, Batan and Kropff Causa, 2021
36. Earl, Maher, and Elliott 2017
37. See Center for Intersectional Justice, 'What is intersectionality'? https://www.intersectionaljustice.org/what-is-intersectionality

Linhas significativas de segmentação em termos de raça, género e status socioeconómico impactam a forma de como o activismo dos jovens e estudantes é organizado, vivenciado e sustentado. Por exemplo, descobriu-se que as identidades activistas gerais muitas vezes desvalorizam as identidades das meninas e esperam que elas ajam como “mais velhas” e menos femininas[38,39]. Com uma lente feminista, este Relatório é capaz de tornar visível o impacto de género e oferecer um ponto de partida útil. O 'chamado para examinar a ordem patriarcal que preside e, ao invés disto, defender um sistema que enfatize a igualdade de género'[40]. Em termos de raça, os jovens de cor ou aqueles que têm origem imigrante enfrentam riscos únicos, como medo de deportação, aumento do policiamento ou associação com o aumento da “incivilidade”[41,42,43].

Portanto, a diferenciação entre activismo dos jovens e estudantes nem sempre é clara. Com a interseccionalidade em mente, os “estudantes” podem ser vistos como um subconjunto da multidão mais ampla de jovens. Os alunos enfrentam problemas e desafios específicos para ser matriculado numa instituição

académica – como o risco de ser expulso, e conciliar as actividades curriculares e extracurriculares[44].

Ser estudante, assim como ser jovem, é visto como uma etapa única da vida que estimula a formação de grupos, a acção colectiva que estimula o activismo e os movimentos[45]. Com base em seus estudos sobre protestos de estudantes na África do Sul, Ndluvo-Gastheni[46] descreve as universidades como “lugares de luta”, especialmente em muitas universidades africanas onde persistem legados coloniais. No entanto, a organização dos estudantes nem sempre é direccionada exclusivamente para universidades e ambientes educacionais, mas também para outros sectores como saúde, agricultura, democracia e alívio da pobreza.

Esta visão expandida e interseccional da organização dos jovens e estudantes abre conversas sobre como estes movimentos podem ser representados, como podem ser organizados e os tipos de experiências que apresentam entre estudantes e jovens. Ao contrário do que outras instituições possam propor, não há uma maneira “única” de organizar jovens e estudantes. Estas iniciativas estão profundamente enraizadas nas identidades individuais e compartilhadas e nas realidades cotidianas das comunidades onde este activismo existe.

38. Taft 2006
39. Earl, Maher, and Elliott 2017
40. Tong 2001
41. Kwon 2013
42. Negron-Gonzales 2014
43. Fridkin, Kenney and Crittenden 2014
44. Historically, research on youth’s participation in social movements began with researchers exploring the role of students in significant upheavals and social movements (see Earl, Maher, and Elliott 2017).
45. Klemenčič 2014
46. Ndluvo-Gastheni 2018

2.2. Reivindicar, unir e compartilhar espaços: uma estrutura conceitual

Conceitualmente, a organização de jovens e estudantes poderia ser posicionada dentro do discurso do desenvolvimento participativo. A participação foi uma alternativa às abordagens de desenvolvimento de cima para baixo, impostas externamente e orientadas por especialistas, ao posicionar "as pessoas". Especialmente aqueles que são social e economicamente marginalizados no centro das decisões de desenvolvimento que afectam suas próprias vidas[47,48,490], como jovens e estudantes.

Embora a participação seja muitas vezes considerada uma coisa boa, que traz "um brilho caloroso para seus usuários e ouvintes"[50], ela pode assumir muitas formas e servir a muitos interesses – alguns dos quais, contra-intuitivamente, não favorecem os interesses dos grupos marginalizados[51,52].

Com a participação dos jovens, permanece o perigo de que "adultos, instituições nacionais, internacionais e locais caiam em padrões de simbolismo e não sejam verdadeiramente inclusivos ao envolver crianças e jovens"[53]. Identificou-se que os jovens muitas vezes estão insatisfeitos em muitos espaços activistas dominados por adultos que tendem a desprezar as preocupações dos jovens[54]. Mesmo em espaços que pensam que são liderados por jovens, permanece "o risco de cair em hábitos preconceituosos que amplificam as vozes e opiniões dos adultos às custas dos jovens"[55].

O risco aumenta à medida que as vozes dos jovens e dos estudantes são lançadas em conversas globais e regionais. Nestes espaços, as preocupações locais dos jovens interagem com a agenda global e regional – uma situação em que algumas vozes, pontos de vista e perspectivas (muitas vezes centrados no Norte) podem ser mais amplificados do que outros.

Até que ponto os espaços de diálogo – muitas vezes envolvendo culturas, ideias e experiências contrastantes – são genuinamente participativos?

A ideia de descolonização pode ser uma lente útil para entender quais vozes são representadas e até que ponto elas são ouvidas e levadas a sério. **Uma lente de descolonização tem sido entendida como um processo que "procura tornar visível, abrir e avançar perspectivas e posições radicalmente distintas que deslocam a racionalidade Ocidental como única estrutura e possibilidade de existência, análise e pensamento"[56].**

Uma lente de descolonização trata de considerar quais conhecimentos e práticas estão a ser promovidos e quais estão a ser silenciados. Isto é vital especialmente no fluxo actual de informações, onde certas formas de conhecimento são enquadradas como universais, enquanto representam apenas as formas de fazer, discordar e pensar dos países dominantes do Global Norte.

Qualquer tentativa de descolonização precisa criticar e analisar as relações de poder nos espaços de participação – que inclui questões como *quem abre estes espaços e para benefício de quem?*[57] Através de uma lente de descolonização, a estrutura conceitual deste Relatório revela o nível e a qualidade da participação de jovens e estudantes (veja a Figura 1). A participação pode assumir muitas formas e servir a várias agendas – portanto, é necessária uma reflexão cuidadosa e crítica ao envolver jovens e estudantes.

47. Cooke and Kothari 2001
48. Mohan 2014
49. Chambers 2005
50. White 1996, p. 7
51. Guijt and Shah 1998
52. Head 2011
53. Savyasaachi and Butler 2014 p. 49
54. Head 2010
55. Earl, Maher, and Elliot 2017
56. Walsh C. 2018, p 17
57. Savyasaachi and Butler 2014

Figura 1. Análise do nível de envolvimento dos jovens e estudantes[58]

Reivindicar Espaços	Unir Espaços	Compartilhar Espaços
Reivindicar o Poder	**Unir ao Poder**	**Compartilhar o Poder**
Jovens e estudantes demandam e reivindicam poder em espaços e situações onde estão isolados – como em estados autoritários. Isto também é aplicável em circunstâncias em que as preocupações e a agenda dos jovens e estudantes não são priorizadas ou ouvidas e, portanto, criam seus próprios espaços.	Jovens e estudantes são convidados, informados, consultados[59] e envolvidos em espaços sociais e políticos com agenda prédeterminada por outrem. Os jovens são capazes de compartilhar suas ideias, mas não está claro como e até que ponto eles podem moldar a agenda, as prioridades e as abordagens.	Jovens e estudantes colaboram com adultos e colegas para projectar, implementar e avaliar projectos que dizem respeito a eles. Isto também é aplicável em situações que jovens e estudantes decidem as actividades, em seus próprios termos, com os adultos a conceder o apoio adequado.

No modelo, são propostos três níveis e modos de organização dos jovens e estudantes: reivindicar espaços, unir espaços e compartilhar poder. Cada modelo corresponde aos jovens e estudantes a reivindicar o poder, unir ao poder e compartilhar o poder – que reconhece que estas acções tendem a desafiar as normas políticas e sociais dominantes.

Em sintonia com a lente de descolonização[60], ouvir as narrativas, a história e os valores dos activistas é uma característica importante nos três modelos. **A prática da descolonização encoraja a trabalharmos com jovens e estudantes e a capacitá-los a projectar e executar seu próprio 'desenvolvimento', que transfere algum grau de poder e controle para aqueles que antes não tinham tal poder**[61], ao invés de apenas prestar serviços a eles.

Ouvir as histórias e realidades dos jovens é um passo importante numa abordagem de descolonização, pois "aprecia as possibilidades pluralistas de participação" no mundo dominado pelos adultos. Reconhece as "incontáveis possibilidades

para crianças e jovens – incluindo estudantes – participarem e desempenharem um papel significativo em suas comunidades[62].

O modelo acima proposto não pretende ser normativo. Destina-se a ser um estímulo para diálogo – uma ferramenta que pode ser usada para avaliar onde as organizações estão situadas na estrutura e onde elas aspiram estar – especialmente porque os activismos e movimentos estão frequentemente a mudar e a recalibrar[63]. Este Relatório também pretende contribuir para com estas discussões, através da investigação de como a organização dos jovens e estudantes mudou no contexto da pandemia.

58. This framework draws from existing models of youth participation such as Hart's ladder of participation, Arnestein's levels of citizen participation, and the International Association for Public Participation's levels of public participation and empowerment.
59. A useful way of differentiating between informing, consulting, and involving could be viewed at Head 2011
60. Savyasaachi and Butler 2014
61. c.f. Guijt and Shah 1998
62. Savyasaachi and Butler 2014
63. Kowalewski 2021

3. O impacto do COVID-19 na organização de jovens e estudantes: pesquisa dos dados existentes globalmente

3.1. Problemas persistentes exacerbados: Desemprego, Desigualdade na Educação e Violência Baseada no Género

O impacto do COVID-19 na organização de estudantes e jovens é múltiplo e multidimensional. Muitos relatórios apontam como a pandemia exacerbou muitas questões sociais que os jovens denunciam há anos – desde o desemprego dos jovens e a qualidade da educação até à violência de género e a crise climática.

Sobre o emprego – uma pesquisa realizada durante as fases iniciais da pandemia durante Abril e Maio de 2020, revelou que um em cada seis jovens (17,4%) parou de trabalhar durante este período. Perdeu-se um equivalente a 225 milhões de horas de trabalho para todas as idades.

Os jovens também são mais propensos a participar de trabalhos temporários, informais e de meio expediente. Esta situação é vista como quase inevitável para os jovens que vivem na pobreza em países de baixa e média renda. 95% dos jovens na África Subsaariana e no Sul da Ásia são empregados informalmente[64].

A pesquisa, além deste Relatório, foi inconclusiva sobre como o desemprego dos jovens foi exacerbado pela pandemia e o impacto disto na organização de jovens e estudantes. Em alguns relatórios, o número crescente de jovens que trabalham em casa proporcionou a eles o tempo extra ocasional para serem voluntários on-line ou em sua comunidade imediata[65]. No entanto, é claro que a extensão do desemprego juvenil, exacerbado pela crise global da saúde, tem um impacto significativo no bem-estar e na saúde mental[66] dos jovens e os efeitos colaterais mais tarde na vida[67].

A educação foi severamente impactada pela pandemia. No final de Abril de 2020, pouco mais de um mês após a Organização Mundial da Saúde declarar o surto de coronavírus como uma pandemia, escolas e universidades começaram a fechar[68]. Uma medida que interrompeu a educação de cerca de 1,6 bilhão de alunos com um impacto desproporcional que afectou crianças mais novas e marginalizadas e os jovens[69].

Muitas escolas e universidades recorreram ao ensino remoto e à distância, no entanto, a falta de conectividade e equipamentos ampliou a exclusão digital e reduziu a qualidade e a experiência das medidas online.

64. ILO 2020
65. See ILO 2020
66. Mercy Corps 2020
67. MacQuaid, 2017
68. The World Bank, UNESCO, and UNICEF 2021https://www.tandfonline.com/doi/epub/10.1080/00131911.2022.2071235?needAccess=true
69. The World Bank, UNESCO, and UNICEF 2021

Por exemplo, um relatório da Youth Action for Relentless Development Organization Sierra Leone - YARDO-SL (Acção dos Jovens pela Organização Incansável *(Relentless)* de Desenvolvimento Sierra Leone) em colaboração com a CGE, descobriu que o acesso à aprendizagem via rádio continua a ser um desafio para os alunos nas áreas rurais devido à baixa cobertura[70] .Outro factor é que as meninas ouvem menos programas de aprendizagem baseados no rádio do que os meninos, principalmente por causa de suas tarefas domésticas.

A reabertura e retomada das aulas presenciais em muitas escolas agravam o impacto na crise educacional. Estima-se que em países de baixa e média renda, o número de crianças e jovens que vivem na pobreza de aprendizagem aumenta de 50% prépandemia para 70% - um aumento considerável[71]. De acordo com um projecto de pesquisa entre a CGE e a Brain Builders Youth Initiative (Iniciativa Jovem Brain Builders) na Nigéria, os alunos do país pararam de estudar por cinco meses até quase um ano. Para escolas e universidades que adaptaram-se ao aprendizado virtual, isto foi particularmente desafiador devido à falta de infra-estrutura de internet, altos custos de dados e habilidades digitais limitadas[72].

70. YARDO-SL 2022
71. See press release from the world bank: https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2021/12/06/learning-losses-from-covid-19-could-cost-this-generation-of-students-close-to-17-trillion-in-lifetime-earnings
72. Brainbuilders Youth Initiative and Global Campaign for Education 2022

A Mulheres da ONU também declarou uma "pandemia sombria" de violência contra mulheres e meninas devido ao aumento da violência doméstica durante a pandemia[73]. Segundo a organização, a pandemia intensificou a violência sexual e/ou física para 243 milhões de mulheres e meninas que sofreram estes abusos por um parceiro íntimo antes da pandemia. O abuso foi exacerbado pelo lockdown (confinamento) de mulheres e meninas com seus agressores, que vivem em espaços apertados e tem a restrição de movimento. Apesar deste aumento alarmante, a violência baseada em género é um dos resultados mais negligenciados da pandemia, com questões como serviços limitados e protecção legal para as vítimas[74].

3.2. 'Uso do COVID-19 como modo' de reprimir a voz de estudantes e jovens

Vários relatórios identificaram como estudantes e jovens activistas enfrentam criminalização, policiamento extremo e vigilância – tudo num cenário de espaços da sociedade civil já cada vez menores. Em vários diálogos políticos importantes, os jovens foram isolados devido aos factores como a suposição de que falta-lhes experiência e recursos[75].

Dois anos após o início da pandemia, o Monitor da Sociedade Civil CIVICUS 2022 observou que muitos governos usaram o COVID-19 como um meio para limitar continuamente os direitos das pessoas à expressão, protestos pacíficos e organização[76]. Usar o COVID-19 como justificativa para restringir os protestos liderados por jovens também foi um padrão observado globalmente[77,78]. Alguns governos aproveitaram a atenção dada à situação da pandemia como uma oportunidade para censurar os críticos e assumir o controle da imprensa[79].

No Camboja, por exemplo, uma lei para impedir a propagação do COVID-19 impôs grandes multas e longas penas de prisão para quem violar as regras de quarentena. Isto tem sido usado como uma ferramenta para reprimir a dissidência contra a resposta do governo à pandemia[80,81] e limitar a organização das pessoas. Da mesma forma, nas Filipinas, evidências contundentes demonstram como as regras do COVID-19 foram usadas para conter ou prender activistas que participavam de protestos pacíficos[82]. Jovens filipinos que distribuíram pacotes de comida para famílias isoladas foram injustamente identificados como membros armados do Exército do Novo Povo e foram presos. Em alguns casos, na Índia, a libertação de estudantes e jovens activistas foram abrandados pelo encerramento dos tribunais e pelo adiamento das reuniões privadas dos advogados com os detidos[83,84].

Os jovens activistas também são frequentemente colocados em prisões apertadas com falta de higiene e saneamento, que aumenta os riscos de contrair o vírus. Portanto, no contexto de uma pandemia, a detenção arbitrária pode ser fatal para os jovens[85] . Estes exemplos demonstram como as regras e regulamentos do COVID-19 foram "armados" pelos governos para restringir ainda mais a organização de jovens e estudantes – particularmente em "*hot button* (contexto difícil)" e questões políticas e sociais divisivas.

3.3. Mudança do activismo online

À medida que os países implementaram medidas de distanciamento social e bloqueio a partir de 2020, a organização da comunidade, protestos de rua e reuniões tornaram-se difíceis de organizar[86]. Numa pesquisa, quase metade dos entrevistados relatou que seu trabalho activista – que inclui colecta de evidências, pesquisa de campo e documentação de violações de direitos humanos – diminuiu por causa do COVID-19[87]. Alguns jovens activistas e estudantes esperaram pela atenuação das regras do *lockdown* (confinamento) para voltar às ruas.

Já em Maio de 2020, estudantes no Equador protestaram contra os cortes orçamentários no ensino superior – um movimento que mais tarde inspirou milhares a manifestarem-se contra a resposta do governo à pandemia e as políticas neoliberais[88].

A greve de mulheres em toda a Polónia usou uma variedade de métodos para protestos – desde o bloqueio de ruas até "protestos em forma de longas carreiras", enquanto a distância exigida de 2 a 3 metros era mantida[89]. Um documento "crowdsourced (de colaboração pública)" reuniu mais de 140 métodos

73. See UN Women report and advocacy platform on COVID and GBV: https://www.unwomen.org/en/news/in-focus/iSincen-focus-gender-equality-in-covid-19-response/violence-against-women-during-covid-19
74. Mittal and Singh 2020
75. ILO 2020
76. See CIVICUS Monitor: https://monitor.civicus.org
77. See report by Perera here: https://www.bbc.com/news/world-asia-55362461
78. United Nations 2021
79. Pleyers 2020
80. See report by CIVICUS here: https://monitor.civicus.org/updates/2021/06/24/activists-journalists-continue-face-reprisals-covid-19-law-exacerbates-violations-cambodia/
81. Business and Human Rights Resource Center 2020: https://www.business-humanrights.org/en/latest-news/cambodia-rights-group-concerns-over-arrests-harassment-of-activists-amid-the-covid-19-pandemic-measures/
82. Dressler 2021https://journals.librarypublishing.arizona.edu/jpe/article/2955/galley/3047/view/
83. See Yasir and Schultz, 2020: https://www.nytimes.com/2020/07/19/world/asia/india-activists-arrests-riots-coronavirus.html
84. See Human Rights Watch 2020: https://www.hrw.org/news/2020/06/15/india-end-bias-prosecuting-delhi-violence
85. CIVICUS 2021
86. See The UN Secretary-General's Envoy on Youth & Amnesty International's Global Youth Collective (n.d.). https://www.un.org/youthenvoy/2020/12/young-human-rights-defenders-adapting-to-covid-19/
87. UNESCO 2021
88. Pleyers 2020
89. Kowalewski 2021

de acção não-violenta, que incluiu caravanas de carros, golpes online, performances de rua vazias e "discussões informais"[90]. Estas tácticas de ajuste são a prova de que manifestações são possíveis mesmo no contexto de restrições pandémicas. Um slogan durante um protesto libanês declarou: 'O COVID não matará a revolução'[91].

Muitos jovens e estudantes mudaram para o activismo online e desenvolveram espaços online para discussão, diálogo e acção[92]. A primeira publicação da ONU sobre a participação dos jovens na sociedade civil constatou que vários jovens viram oportunidades no espaço digital para continuar seu trabalho de maneira mais fácil, barata, rápida e, em geral, mais eficiente[93]. Por exemplo, os jovens usam as mídias sociais para arrecadar dinheiro para as respostas ao COVID, para aumentar a conscientização sobre a prevenção da transmissão e para desmascarar notícias falsas. O repertório para envolvimento online de jovens é amplo – eles usam humor, memes, sátiras e outros actos para envolver-se com a cultura popular[94].

A abordagem digital não apenas fornece novas ferramentas para os jovens organizarem, mas também conduziu novas maneiras de intimidá-los, como perseguição online, trolling (falsidade) , censura e vigilância[95,96] Problemas como informação errada e a falta de informação também tem preocupado muitos jovens, especialmente por terem que vasculhar a infinidade de notícias falsas nos canais de mídia social[97].

A mudança para espaços online não foi e não deve ser considerada uma panaceia para lidar com as limitações trazidas pelo COVID-19. Alguns jovens também estavam preocupados com o uso de contribuições pré-gravadas comuns em muitas conferências e simpósios on-line, e o potencial de discussões e debates contra-intuitivamente fechados versus abertos[98].

Embora a mudança tenha aberto espaço para jovens e estudantes conectarem entre si, a experiência não foi universal. No Zimbábue, por exemplo, a falta de acesso aos equipamentos e internet, juntamente com os cortes de energia frequentes, tornaram o activismo um luxo para muitos estudantes, apesar do crescente uso de plataformas de mídia social como Facebook, WhatsApp e Twitter como espaços de activismo[99]. Outras barreiras documentadas na participação cívica online incluem a falta de confiança na internet devido à alta prevalência de notícias falsas e má informação, a diminuição da confiança nos processos políticos, perseguição e trolling (falsidade), violações de dados e vigilância digital[100].

3.4. A organização de jovens e estudantes persiste

Contra o turbilhão de mudanças e desafios, muitos exemplos ao redor do mundo demonstram como estudantes e jovens continuam a ser uma força poderosa dentro e fora das paredes da sala de aula. Os exemplos incluem estudantes que criticam a resposta de suas universidades à pandemia por colocar em risco a saúde deles e por implementar medidas que afectam o emprego dos alunos.

Quando os alunos do Pomona College, EUA, foram despejados de suas residências universitárias, eles lançaram uma página de *"crowdfunding (financiamento colectivo)"* e pressionaram a administração a fornecer moradia de emergência para os alunos mais vulneráveis[101]. Insatisfeitos com as provisões de ensino on-line das universidades, os estudantes do Usbequistão usaram plataformas online para interromper o plano do governo em aumentar as mensalidades[102]. Estes sentimentos ganharam atenção da mídia, que forneceu aos jovens plataformas ainda maiores para expressar sua discordância – plataformas como a BBC. Por fim, o governo anunciou o congelamento dos aumentos nas mensalidades.

Voltando-se à participação de jovens e estudantes, uma pesquisa da ILO (OIT) revelou que os jovens sentiram que a pandemia afectou seus direitos de participar de assuntos públicos, mas eles voluntariaram cada vez mais durante o período da pesquisa[103]. Isto demonstra que, apesar do acesso limitado a espaços formais de diálogo, muitos jovens responderam à crise em nível pessoal – desde a criação de grupos no Facebook até a actualização das pessoas no Afeganistão sobre as últimas directrizes do COVID-19 e o voluntariado num aconselhamento online para apoio à saúde mental no Quênia[104].

Jovens activistas ambientais também enquadram a pandemia dentro do discurso mais amplo da degradação ambiental e da crise climática. Num estudo [105] sobre as experiências do Youth for Climate Cyprus (Juventude pelo Clima - Chipre), descobriu-se que os jovens activistas reformularam a pandemia como uma questão de 'lucro sobre as pessoas' – um slogan simbólico do meio ambiente em declínio e que mantém a visibilidade das emergências climáticas dentro do actual discurso.

90. Amnesty International 2020: https://www.amnesty.org/en/latest/campaigns/2020/05/activism-in-times-of-covid-19/
91. Pleyers 2020
92. Pelter 2020
93. UNESCO 2021
94. Cho, Byrne and Pelter 2020
95. Millora and Karunungan 2021
96. Earl, Maher, and Pan 2022
97. UNESCO 2021
98. UNESCO 2021
99. Hove and Dube 2021, p. 4.
100. Cho, Byrne and Pelter 2020
101. See: https://edtrust.org/resource/in-the-age-of-coronavirus-student-activism-is-more-relevant-than-ever/
102. Ubaydullaeva 2021
103. The ILO report outlines a number of youths' rights that have been curtailed during the pandemic: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_emp/documents/publication/wcms_753026.pdf
104. See ILO 2020 report, especially pp 36-39.
105. Christou, Theodorou and Spyros 2022

4. 'Não parámos de trabalhar' Principais descobertas sobre as mudanças e movimentos na organização de jovens e estudantes durante o COVID-19

A mensagem que atravessa as entrevistas e discussões com jovens e estudantes dentro da rede CGE, é encapsulada em uma breve declaração de um jovem activista na Namíbia, que respondeu 'não parámos de trabalhar' quando questionado sobre a experiência do COVID-19.

Como as medidas de bloqueio interromperam a mobilidade no início da pandemia, muitas actividades presenciais realizadas por jovens tiveram que ser suspensas ou precisaram ser recalibradas para responder às restrições do governo naquele momento. Esta secção mergulha profundamente nas mudanças específicas nos objectivos, abordagens e suposições em torno da organização de jovens e estudantes, e como eles mudaram e moveram no contexto de uma crise global de saúde.

Durante as entrevistas, muitos jovens lembraram como o trabalho foi alterado e modificado após as mudanças aceleradas durante a pandemia. Alterações e mudanças, incluindo o surgimento de novas demandas sobre como jovens e estudantes devem ser envolvidos em diálogos sobre políticas e práticas. Estas mudanças podem ser agrupadas em seis subtemas principais:

1. as mudanças nas ferramentas e modos usados para organizar
2. como o COVID-19 gerou novos problemas que jovens e estudantes defendiam
3. a mudança no cenário de financiamento e recursos dentro das organizações e no sector de desenvolvimento mais amplo
4. a crescente demanda por participação genuína e significativa dos jovens
5. os impactos multidimensionais do COVID-19 para jovens e estudantes e como isto afectou o trabalho e a vida
6. o desejo renovado de colaboração além-fronteiras.

4.1. Movendo entre plataformas: mudanças nas ferramentas e modos de organização

Um jovem activista de Gana expressou: *o activismo dos estudantes ainda está aqui; apenas mudamos nossas estratégias*. De fato, a mudança mais comum que jovens e estudantes experimentaram em termos de organização foi nos modos, estratégias e ferramentas que usaram para melhorar suas campanhas, prestar seus serviços e cultivar suas organizações.

O COVID-19 interrompeu as actividades que deveriam ser presenciais. Eles mudaram completamente para online ou para um formato híbrido – um movimento que apresentou problemas significativos, especialmente em contextos com uma ampla divisão digital. Muitos aspectos operacionais do trabalho mudaram, em alguns casos tiveram que mudar, para espaços online – de actividades administrativas como reuniões, assembleias gerais, uso do WhatsApp para facilitar a comunicação e capacitação por meio de programas de treinamento online e programas de mentoria entre países. Outras mudanças relacionadas incluíram campanhas que usam plataformas de mídia social, produção de pequenos vídeos para divulgação online e prestação de serviços, como o desenvolvimento de um curso online sobre acção climática.

4.1.1. Oportunidades: maior alcance, campanhas agora são globais

Ao contrário da observação comum e apesar da persistência do uso da tecnologia, nem todos estes modos exigiam a internet. Camionetes com alto-falantes foram utilizadas para atingir diferentes públicos, e as informações foram divulgadas por meio de rádio e mensagens de texto. Para vários estudantes activistas, ser capaz de divulgar sua mensagem através de vários modos significava atingir um público mais amplo e ter uma comunicação mais eficiente com seus eleitores de todas as regiões.

Em alguns casos, os espaços online facilitaram novos avanços e marcos para as organizações, como uma assembleia geral verdadeiramente expansiva.

Conseguimos mobilizar nosso alcance para mais de 5 milhões de nigerianos por meio de mídias sociais, mensagens de texto, rádio e condução em mercados públicos. — **Entrevistado 1, 29, homem, Nigéria**

Ter uma Assembleia Geral online foi muito importante para nós! Nossa organização existe desde os anos 70 e isto nunca aconteceu antes que podemos conectar com tantos de nossos membros para discussão. — **Entrevistada 9, mulher, Bélgica**

Usamos muito o WhatsApp [na comunicação com nossas constituências]! Nem Zoom. E quero dizer que houve um aumento do uso. Claro, nós usávamos o WhatsApp antes, mas não, sabe, não neste ritmo. Por enquanto, não podemos viver sem isto! — **Entrevistada 4, 26, mulher, Nigéria**

Temos uma adesão em dez países! Assim, fazemos reuniões virtuais com cada um deles, o que garante que podemos identificar os principais problemas que enfrentam e, para a maioria deles, ajudá-los a fazer parcerias com outras organizações em seus países, quem pode ajudá-los a mobilizar virtualmente — **Entrevistado 2, 32 , Homem, Gana.**

Os entrevistados também compartilharam alguns exemplos de como a tecnologia incorporou na concepção do projecto e na digitalização em alguns aspectos da entrega do programa. Os exemplos incluem um curso de aprendizado online sobre activismo ambiental desenvolvido por uma rede de estudantes europeus, um programa de treinamento em activismo digital para jovens no Oriente Médio e uma plataforma online com informações verificadas relacionadas ao COVID na Nigéria. Estes projectos demonstram como os jovens e estudantes organizadores foram capazes de explorar o potencial das ferramentas online e digitais para projectar ou reformular a entrega de seus programas.

Vários estudantes activistas também observaram que o uso da mídia social lançou preocupações nacionais e regionais para a atenção global. Isto parece ser de particular relevância para os jovens em contextos de conflito ou crise prolongada, onde a organização pode enfrentar extrema violência e risco. Um organizador de jovens na Palestina compartilhou uma citação de um jornalista palestino que frequentemente é questionado sobre o que as pessoas podem fazer para apoiar os protestos locais.

Ela apenas disse, compartilhe, apenas compartilhe! Compartilhe nossas vozes. Com apenas um clique, já pode-se ver toda uma plataforma de mídia social que costumava ser criticada se tornar um espaço útil para o activismo – torna-se um espaço activista onde todos estão a compartilhar e, de certa forma, a lutar pelo mesmo problema. — Entrevistado 7, 28, mulher, Palestina

Encontrar solidariedade online tornou-se possível à medida que as campanhas mudaram para espaços virtuais. Outro exemplo citado por alguns entrevistados foi o movimento End SARS na Nigéria. O movimento pedia a dissolução do Esquadrão Especial Anti-roubo (SARS) da polícia que tem longa história de abuso e policiamento violento de cidadãos nigerianos. Além dos poderosos protestos nas ruas de Lagos, muitos jovens também usaram as redes sociais para chamar a atenção para a brutalidade policial ao usar o *hashtag* #EndSARS.

…a campanha online deu lugar à mobilização mundial. Há um hashtag para o que aconteceu na Nigéria, #EndSARS, que foi divulgado pelo mundo. Esta solidariedade das pessoas em todo o mundo também inspirou muitos jovens activistas aqui e levou o governo a prestar atenção a estas demandas. — **Entrevistado 2, 32, homem, Gana.**

Esta solidariedade global que os espaços online ajudaram a gerar foi identificada por muitos outros como um impacto positivo significativo para a incorporação de formas online de activismo e campanha no trabalho deles. Facilitou vários tipos de relacionamentos além-fronteiras (veja uma discussão mais completa sobre isto na Secção 4.6.). A experiência do jovem activista ganense acima é ecoada por muitos outros movimentos – como observado por um líder de uma ONG internacional (organização não governamental).

as ligações transfronteiriças, e não poder viajar, aumentaram a conectividade entre os países e aumentaram a capacidade para organização global. Então, não acho que seja coincidência que alguns destes grandes movimentos tenham acontecido desta vez. — **Entrevistado 13, homem, parte interessada, Reino Unido**

Os exemplos aqui mostram que muitos jovens e estudantes organizadores recorreram a espaços virtuais e online para continuar e reimaginar o activismo e a organização deles. Permitiu alcançar mais audiência, manter conexões com redes existentes e desenvolver outras novas, e construir solidariedade com cidadãos e colegas activistas em outros países. No entanto, esta mudança também apresentou alguns desafios.

4.1.2. Desafios: movendo rapidamente num mundo de divisões digitais

Muitos dos entrevistados disseram que a mudança para estas plataformas online e offline não foi fácil nem tranquila. A profunda e arraigada divisão digital existente em suas comunidades foi citada como a barreira mais significativa para a incorporação efectiva de aspectos online e digitais no seu trabalho.

Com base nas opiniões dos participantes, os aspectos desta exclusão digital são três:

1. falta de conectividade, infra-estrutura de internet e data (uso de internet) económica
2. falta de aparelhos e equipamentos e outras ferramentas digitais
3. experiência e conhecimento limitados na navegação em plataformas e tecnologias online.

Estes desafios, como vários participantes observaram, já existiam antes da pandemia, mas a crise da saúde aumentou ainda mais os problemas. Aqueles que relataram estes desafios estavam baseados nas regiões da Ásia, África e Oriente Médio. Eles citaram que a desproporção da divisão impacta os jovens nas áreas rurais e os jovens de baixa renda. Um jovem activista baseado na Namíbia disse:

O maior desafio para mim foi a divisão digital e como ela aumentou durante a pandemia. Sempre existiu, mas o COVID piorou o assunto. Em nossas reuniões, quem mora nas cidades tem acesso a um smartphone ou laptop para participar desta reunião... Também podemos concordar que a data (uso de internet) é muito cara… e não acaba aqui… não é só o acesso, mas também o conhecimento de como usar o laptop, como usar o Zoom. Agora, temos de organizar-nos para ter reuniões menores para ensinar estudantes activistas e estudantes líderes a usarem as diferentes plataformas.
— Entrevistada 3, 27, mulher, Namíbia

A declaração mostra que os aspectos da ampliação da divisão digital geralmente coexistem numa comunidade, o que exacerba ainda mais os problemas. Durante o início do *lockdown* (confinamento), foi preciso e esperado que os jovens adaptassem rapidamente às plataformas online, com muito pouco apoio e orientação. O entrevistado namibiano acima descreveu isto como ser capaz de *andar na ponta dos pés e ver como lidar melhor com desafios em constante mudança.*

A mudança nem sempre aconteceu de forma suave ou eficaz.

Tivemos que dar os primeiros passos para tentar criar este grupo, online, pelo Zoom. No começo, estávamos a tentar motivá-los – foi bom nas primeiras reuniões, conhecer todas as funções e experimentar diferentes plataformas que podemos usar. Mas com os recursos limitados e nossa falta de experiência em conduzir o grupo online, acabamos tendo cada vez menos pessoas a participar de nossas reuniões. Aconteceu muita desmotivação — **Entrevistada 7, 28, mulher, Palestina**

Marcava-se uma reunião online; estava a coincidir com outras coisas. Então, numa dada hora, eu apenas disse a eles por que não fazemos uma pausa por este ano? Então, fizemos aquela pausa! — Entrevistada 4, 26, mulher, Nigéria.

É preciso treinar sua equipa para acostumar a usar, a entrada da Internet é ruim na Nigéria, então também é preciso acostumar com esta dor de cabeça. Eu faço uma ligação do Zoom e, pelos próximos 30 minutos, digo ‹olá›, ‹olá›, ‹olá› - pode ser realmente frustrante! — **Entrevistado 1, 29, homem, Nigéria.**

Além das questões sobre a internet e os equipamentos, os jovens e estudantes organizadores também enfrentam dificuldades em navegar nas plataformas que agora são usadas para actividades e operações cotidianas – ao contrário da crença popular de que os jovens são “peritos em tecnologia”. Com alguns entrevistados a expressar que alguns membros fizeram uma pausa ou deixaram de participar por um tempo parece indicar que as dificuldades afectaram a motivação e participação de alguns membros.

No entanto, outros continuaram o seu trabalho de maneira pessoal, muitas vezes fora do âmbito da sua organização. A entrevistada 4 (26 anos, mulher, Nigéria), por exemplo, compartilhou que continuou a utilizar suas habilidades como pesquisadora para escrever sobre as experiências de jovens e crianças com COVID-19. Ao fazer isto, ela poderia contribuir para a construção de pesquisas baseadas em evidências. Um jovem activista no Peru também observou o surgimento de formas mais individuais de activismo versus fazer parte de um grupo formalizado.

O que tenho visto é que temos muitos movimentos voluntários individuais - voluntários para questões de saúde, questões ambientais. Mas eles obviamente têm propósito limitado, onde vão para uma área, entregam comida e outras. Isto é diferente do activismo político, que tem uma rota de advocacia mais longa. — **Entrevistado 5, 27, homem, Peru**

Vários estudantes activistas enfatizaram que não deixaram completamente as intervenções presenciais. Eles foram capazes de continuar algumas actividades, embora numa escala muito menor, enquanto ainda respeitavam as restrições do país. Por exemplo, um líder de coalizão de jovens na Nigéria compartilhou como os voluntários locais foram mobilizados para garantir que as comunidades que não têm acesso à internet, rádio e televisão aprendessem sobre as informações de salvamento sobre o COVID-19.

Também estamos a tentar ver como podemos trabalhar com uma variedade de voluntários para educar alunos que realmente não têm acesso privilegiado à Internet durante o COVID. E quem normalmente não tem acesso a rádio, televisão, através da capacitação de voluntários da comunidade para ensiná-los — **Entrevistado 1, 29, Homem, Nigéria**

Estamos a planear realizar o envolvimento da comunidade de base para que eles defendam a educação de meninas. Para conseguir isto, especialmente para questões relacionadas à educação de meninas e educação em emergências, é necessário obter apoio dos pais, líderes religiosos conhecidos, regras tradicionais… e isto não pode ser facilitado via Zoom. É necessário conhecê-los e fazer campanha nas comunidades — **Entrevistado 2, 32, Homem, Gana**

Uma líder regional na África fez uma observação semelhante – ela explicou que no seu continente, onde a divisão digital talvez seja maior do que em outras regiões do mundo, muitos jovens continuam a realizar o trabalho presencial, que segue os protocolos do governo COVID-19.

Tenho observado que muitos jovens, especialmente nas áreas rurais, puderam usar outras ferramentas como WhatsApp e rádio comunitário para alcançar as pessoas. Alguns também realizam sensibilização de porta-a-porta sobre o COVID-19. Portanto, está claro que eles continuam a ser inovadores apesar dos desafios – mas, na minha opinião, os formuladores de políticas estão cientes de que a divisão digital ainda é um problema. — Entrevistada 18, mulher, parte interessada

A Tabela 1 abaixo apresenta um resumo das oportunidades e desafios quando os jovens e seus membros afiliados introduziram estratégias virtuais e online à sua organização.

Por fim, é importante destacar que o activismo online não substituiu completamente a organização presencial, pois muitos entrevistados ainda reconhecem o poder do encontro ao vivo e a prestação de serviços a muitas comunidades que não podem ser alcançadas pela internet. Eles também reconhecem o poder de conduzir as actividades de forma individual e não sob os auspícios de um grupo formal.

A Tabela 1 abaixo apresenta um resumo das oportunidades e desafios quando os jovens e seus membros afiliados introduziram estratégias virtuais e online à sua organização.

Tabela 1. Oportunidades e desafios na mudança para modos de organização online e híbridos

Oportunidades	Desafios
Alcançar públicos mais abrangentes	Falta ou conectividade fraca
Fortalecimento da colaboração internacional	Problemas persistentes na Internet
Comunicação eficiente com constituintes e colegas	Nenhum equipamento e outros aparelhos disponíveis
Novas formas de prestação de serviços	Conhecimento limitado do uso de plataformas e ferramentas online
	Aumento da divisão digital que afecta grupos já marginalizados
	Pode ser desmotivador para companheiros e colegas
	Falta de conexão pessoal
	Exaustão do Zoom e das plataformas online

4.2. Recalibragem dos objectivos e prioridades de advocacia

À medida que a pandemia expôs as rachaduras em muitos governos e instituições – ao impactar aqueles que já são vulneráveis – os entrevistados expressaram que foram apresentados a novos problemas de advocacia e/ou a necessidade de abordar seus "antigos" problemas de maneiras novas.

Muitos dos entrevistados trabalham no cenário educacional com questões relacionadas a escolas e universidades, como privatização, aumento das mensalidades, falta de acesso e desequilíbrios de género. Portanto, eles precisaram recalibrar seus objectivos e prioridades de advocacia existentes para serem mais responsivos às questões em mudança apresentadas pela pandemia.

Para melhor fazer um balanço do impacto do COVID-19 no seu contexto, alguns grupos de jovens encomendaram e conduziram pesquisas que abordaram tópicos do COVID-19 e saúde mental, o impacto do COVID-19 na educação de meninas até habilidades empreendedoras das mulheres jovens em tempos de pandemia. Sua avaliação colectivamente ecoa o que as pesquisas anteriores descobriram – que a pandemia exacerbou as desigualdades na educação.

A dura realidade do COVID é que não tínhamos recursos suficientes para gerenciar esta pandemia. Então, muitas pessoas que eram marginalizadas foram marginalizadas ainda mais. Pessoas perderam empregos, pessoas perderam oportunidades, e um dos grupos mais afectados são os estudantes e crianças e jovens. Eles foram os primeiros a deixar seus empregos e os primeiros a serem afectados por não poderem continuar seus estudos ou não poderem sequer pagar para continuar seus estudos. — Entrevistado 7, 28, Palestina

Estas realidades incitaram os jovens a recalibrar e modificar seus objectivos e advocacia para responder às realidades do momento determinado. Alguns compartilharam como o seu trabalho mudou para combater *fake news* (notícias falsas) e garantir que as informações de salvamento cheguem àqueles que mais precisam delas devido à divisão digital. Outros concentraram-se em tornar o governo responsável por suas políticas relacionadas ao COVID quando abordaram questões pandémicas.

O governo introduziu a ideia de precisar ser vacinado para ir às universidades... As organizações de estudantes divulgaram informações importantes sobre a vacinação porque era um período em que havia muita informação errada e falta de informação. Muitos alunos também não queriam ser vacinados, pois não acreditavam que esta vacina fosse segura! — **Entrevistado 12, parte interessada, Albânia**

Criamos um site chamado KnowCovid19.ng, que usamos para combater fake news *(notícias falsas) na Nigéria. Também estamos a trabalhar com os ministérios federais da Nigéria para reorientar os cidadãos e ajudá-los a serem vacinados.* — **Entrevistado 1, 29, homem, Nigéria**

Durante a pandemia, muitos jovens ficaram preocupados em relatar o quão mal nosso sistema de saúde tem sido tratado pelo governo. Quando fizemos o projecto da juventude, tivemos que vincular os dois temas – educação e saúde. Trabalhamos com estudantes de medicina como recursos de palestrantes porque eles têm experiência no componente de saúde — **Entrevistado 5, 27, homem, Peru**

Eu vi muitos activistas apresentarem-se para falar e garantir que as pessoas fossem tratadas de forma justa. Mesmo que façam as coisas remotamente, parecem ter gerado mais impacto. — **Entrevistada 10, mulher, Gana**

Estes são exemplos claros de como a educação foi usada como uma "ferramenta" para responder ao COVID-19, ao invés de concentrar apenas em proteger a educação do impacto da pandemia.

Uma líder regional na África descreveu que a mudança mais comum que ela observou no trabalho dos jovens na região foi como eles utilizaram a educação como resposta à crise da saúde. Ela disse que muitas organizações de jovens estão preocupadas em *"como garantir que as pessoas entendam que o COVID é real e o que fazer para protegerem-se – um problema em certas partes da África"*. Uma parte interessada descreveu isto como a utilização da educação como uma estratégia para construir resiliência.

Vimos jovens a liderar campanhas contra a informação errada. Eles usaram suas habilidades para criar maneiras realmente interessantes e claras de passar informações para as pessoas em suas comunidades e online. Vemos a educação como uma ferramenta importante na mitigação de crises e resiliência contra crises. — **Entrevistada 17, mulher, parte interessada, EUA**

Para outros, a ênfase permaneceu nas escolas e universidades com tentativas de corrigir problemas de acesso e inclusão que foram aumentados pela pandemia. Eles voltaram a atenção para questões que envolvem a educação digital, o trazer das meninas de volta à escola e a retomada das aulas presenciais. Nestas campanhas havia um forte compromisso em trabalhar com o governo e, em alguns casos, responsabilizar o governo pela forma como estas questões estavam a ser resolvidos.

Por causa do COVID, o e-learning e o aprendizado virtual tornaram-se a ordem do dia. Assim, nossas conversas mudaram do envolvimento dos jovens para pressionar pelos direitos das crianças de acessar o aprendizado digital. Estamos a realizar uma campanha na África do Sul para garantir que o custo da data *(uso de internet) seja reduzido a um preço acessível.* — **Entrevistado 2, 32, homem, Gana**

Como muitos alunos são incapazes de lidar com as mudanças no ensino, criamos rapidamente uma solidariedade com as partes interessadas do auxílio académico que visa fazer campanha pelo auxílio académico em todas as escolas para que haja um aprendizado mais flexível. — **Entrevistada 6, 22, mulher, Filipinas**

Havia também alguns jovens cujos trabalhos percorriam novos territórios como a realização de actividades e o trabalho com um público-alvo completamente novo para eles. Por exemplo, um organizador de jovens da Namíbia compartilhou que eles começaram a fornecer itens básicos para alunos cujas famílias perderam seus meios de subsistência. Outro jovem activista, de Honduras, descreveu como eles deveriam fornecer treinamento para jovens trabalhadores sobre como retornar com segurança ao local de trabalho durante o COVID-19.

Naquela época, em todo o continente [africano], muitos grupos também distribuíram pacotes de alimentos. Podemos falar sobre os alunos que não frequentam on-line e ainda podemos dar a eles pacotes de data *(uso de internet), mas eles ainda não concentrarão naquele telefone se ainda estiverem com fome. Havia muito mais problemas para lidar do que apenas o acesso.* — **Entrevistada 3, 27, mulher, Namíbia**

Fomos solicitados a fornecer um treinamento sobre prontidão para o COVID ao retornar ao local de trabalho. Isto era completamente novo para nós, mas decidimos ajudar porque é urgente. — **Entrevistada 9, 28, mulher, Honduras**

A pandemia também influenciou a forma como os jovens estavam a imaginar o futuro. Jovens e estudantes activistas tiveram que reimaginar suas aspirações e como seu trabalho pode mudar nos próximos anos – especialmente com o entendimento de que eles têm um papel importante a desempenhar na construção da comunidade pós-pandemia.

Em 2019, estávamos a falar sobre o envolvimento da juventude africana. Desde 2020, isto mudou para uma reconstrução melhor com as lições do COVID-19 e com base na vontade política dos jovens. A pergunta que estamos a fazer agora é sobre nossos grupos marginalizados… meninas e mulheres marginalizadas que não estão tendo acesso à escola e são ainda mais excluídas por causa da pandemia. Como mobilizamos e geramos campanhas para eles e os levamos de volta à escola? — **Entrevistado 2, 32, Homem, Gana**

Tem uma frase que eu realmente não gosto: 'o novo normal'. Porque as pessoas que aceitam este novo normal podem adaptar-se prontamente a esta normalidade. Infelizmente, a constituência e os estudantes que estamos a representar não pode apenas adaptar-se, prontamente, às mudanças que o COVID trouxe. Isto piorou as coisas, e é um desafio a adaptação — **Entrevistado 3, 27, mulher, Namíbia**

Estes exemplos mostram que os jovens e estudantes organizadores podem responder eficazmente às mudanças sociais ao longo do tempo. Eles são capazes de facilitar micro transformações e reimaginar suas organizações para responder aos desafios urgentes durante a crise global. Isto não quer dizer que eles estão completamente fora do que fizeram no passado – todos indicaram que permanecem comprometidos com a principal ética da sua organização.

Os exemplos nesta secção também demonstram que os jovens vêem cada vez mais conexões entre diferentes questões e sectores. Uma parte interessada entrevistada reflectiu sobre isto e compartilhou que, *no passado, pode-se ter feito uma campanha de educação e uma campanha de saúde e depois uma campanha de justiça fiscal. E agora, pode-se achar que tudo isto faz parte da mesma campanha... Acho que a capacidade de conectar questões tornou-se mais possível pelo COVID* (Entrevistado 13, homem, parte interessada, Reino Unido). Um organizador de jovens também disse:

O que aumentou foi a necessidade de mudar a ênfase para passar de questões puramente educacionais para questões que podem ser combinadas com outros sectores – como saúde e também questões em torno das mudanças climáticas. — Entrevistado 5, 27, homem, Peru.

De facto, parece haver um entendimento de que o COVID-19 é uma questão multissectorial que afecta a saúde, a educação, as mudanças climáticas, a pobreza, o emprego e a fome. Embora a educação seja importante, pode nem sempre ser a prioridade ou o ponto de entrada. Um exemplo é o do organizador de jovens acima, que distribuiu pacotes de alimentos para combater a fome entre crianças em idade escolar. Por isto, a conversa não é apenas sobre o impacto da COVID-19 na educação – é também sobre como a educação pode ser uma ferramenta para responder à pandemia.

4.3. Mudança dos cenários de recursos e financiamento

Também houve mudanças no uso/distribuição e reutilização/redistribuição de recursos existentes dentro das organizações. Os jovens compartilharam suas reflexões sobre as mudanças nos esquemas de financiamento e prioridades de ONGs internacionais e outros órgãos de doação. No primeiro caso, alguns entrevistados que vêm de grupos com relativamente bons recursos, mesmo antes da pandemia, observaram que acumularam economias em viagens, hospedagem, aluguel de locais e outras despesas logísticas relacionadas à realização de reuniões e eventos presenciais . Estas economias foram redireccionadas para uma variedade de outras iniciativas, como a criação de um programa virtual de intercâmbio de conhecimento, comissionamento de pesquisa e concessão de subsídios aos seus constituintes.

As despesas de viagem não existiam, mas investimos [o dinheiro] em diferentes projectos, como um curso online, tradução, sistema de votação. Também tivemos que pagar licenças on-line para aplicativos on-line. Também demos subsídios para quem precisava de apoio ou que pudesse usar o dinheiro para algo bom, por exemplo [ao pagar] licenças do Zoom porque não são baratas! — **Entrevistada 8, 22, mulher, Áustria**

As organizações que conseguiram economizar dinheiro geralmente redireccionavam o orçamento para necessidades imediatas, especialmente *data* (uso de internet) e licenças. No entanto, muitos outros com financiamento limitado, mesmo antes da pandemia, não conseguiram fazê-lo. A crise da saúde reduziu ainda mais as possibilidades de acesso a recursos tão necessários.

Vários jovens apontaram como as prioridades de financiamento pareciam ter mudado para apoiar questões relacionadas ao COVID, como vacinação, fornecimento de refeições e inovação tecnológica. A dependência de financiamento para muitos das organizações dos jovens e estudantes significa que a mudança de prioridades tem uma influência significativa nas prioridades das organizações.

Antes do COVID, todos lutavam para obter os poucos fundos disponíveis – e principalmente nossos projectos são de desenvolvimento de jovens ou um projecto de educação que pode não ser conduzido tecnologicamente . Depois o COVID apareceu… podemos ver mais doadores e financiadores a solicitar inscrições para projectos que abordam a educação de forma "inovadora" ou que são "dirigidos digitalmente". Então, como posso explorar esta realidade actual? Se eu precisar continuar a sobreviver, também preciso estar disposto à adaptação das necessidades actuais. Então, isto vai moldar o seu pensamento. **— Entrevistada 4, 26, mulher, Nigéria**

Quando veio o COVID, governos de todo o mundo, imaginam verbas desviadas para a educação e pensam na educação, pois este é o espaço em que vamos arrecadar fundos que foram desviados da educação para o sector da saúde. — **Entrevistado 2, 32, homem, Gana**

No contexto da redução de recursos disponíveis para organizações de jovens e estudantes, os comentários acima mostram como a agenda de doadores e financiadores tem a capacidade de moldar as prioridades de organizações menores de jovens e estudantes que precisam de financiamento para sobreviver. A tecnologia e os recursos digitais parecem ter sido enquadrados como padrões de inovação que poderiam ocultar iniciativas que, embora inovadoras e eficazes, não necessariamente requerem tecnologia. Estes exemplos de prioridades de financiamento sinalizam a tendência de mecanismos de subsídio que destacam agendas particulares que podem não estar alinhadas com a dos estudantes e jovens.

Como resposta, muitas das partes interessadas e líderes regionais enfatizaram a importância de financiamento e apoio adequados que reflectiram as realidades dos jovens em diferentes contextos. Um líder regional na África expressou que há um apetite crescente por parte dos financiadores em apoiar o trabalho dos jovens porque eles são *"os porta-vozes certos para si próprios"* (Entrevistado 18, mulher, parte interessada). Embora seja importante fornecer plataformas a jovens e estudantes, o financiamento e os recursos também devem abranger as realidades dos jovens.

Uma das coisas que aconteceu em nosso programa de doações, especialmente no início, foi exigir que as organizações tivessem certas estruturas e precisavam ter um certo nível de capacidade administrativa para lidar com doações – e isto nem sempre está presente nas organizações dos jovens, especialmente organizações dos jovens que são cada vez mais novas e recentes. Então, o que pudemos fazer foi dar subsídios para coalizões que incluem ou trabalham com organizações de jovens. Para que possamos manter nossas necessidades administrativas, mas também não bloquear organizações de jovens que estão a fazer um óptimo trabalho — **Entrevistada 17, parte interessada, mulher, EUA**

Esta secção destacou que os recursos dentro da organização de jovens e estudantes foram redireccionados para responder às necessidades imediatas. No entanto, grupos que não conseguem obter subsídios, mesmo antes da pandemia, enfrentam um cenário de financiamento que mudou sua ênfase nas respostas à pandemia e nas abordagens tecnológicas da educação. Um mecanismo de financiamento mais responsivo é necessário para não "excluir" organizações menores e mais jovens que estão a fazer tanto trabalho que impacta positivamente suas comunidades.

4.4. Foi ouvido mas não compreendido? Maior demanda por participação genuína e significativa

Muitos jovens e estudantes entrevistados, principalmente aqueles que fazem parte de coalizões e grupos representativos, compartilharam suas observações sobre um pequeno aumento nos espaços de diálogo sobre políticas internacionais com representação de jovens e estudantes.

Uma das partes interessadas entrevistadas comentou que este compromisso desenvolveu-se porque muitos formuladores de políticas e partes interessadas reconheceram o enorme impacto que jovens e estudantes já estão a causar em suas comunidades. No entanto, a questão que ela colocou – *'como podemos envolvê-los, dar-lhes uma plataforma e expor seu trabalho aos tomadores de decisão e formuladores de políticas'* (Adisa, mulher, parte interessada, EUA) – precisa ser abordada por formuladores de políticas e partes interessadas que não têm feito assim.

No auge da pandemia, os entrevistados compartilharam que os espaços de diálogo sobre políticas incluíam conversas em fóruns políticos de alto nível, participação em evento de webinar da região e cargos em conselhos consultivos e outras oportunidades de compartilhamento de conhecimento.

Como resultado da pandemia, os jovens de repente não precisaram viajar por muitas horas e gastar recursos para participar de sessões presenciais, muitas vezes organizadas por organizações internacionais e grupos multilaterais de cooperação. Muitos destes eventos são transmitidos ao vivo em diferentes canais de mídia, YouTube e Facebook Live incluídos, que permitem alcançar um público mais abrangente. Por sua vez, estas plataformas são de natureza participativa, o que nem sempre acontece com as sessões presenciais.

4.4.1. Recuo de envolvimentos simbólicos *(tokenistic)*

No entanto, o compartilhamento colectivo das entrevistas aponta para como estes espaços parecem ser simbólicos e muitas vezes não parecem realmente genuínos. Os jovens observaram que este envolvimento simbólico *(tokenistic)* opera de duas maneiras:

1. o formato das sessões, como o uso de vídeos pré-gravados, slots de fala de cinco minutos, limite de slots de perguntas e respostas curtos e menos interactivos versus incentivar a interacção e o debate profundo
2. muitas vezes não há indicação clara de como as preocupações que eles compartilharam serão abordadas ou como os pontos de acção acordados da reunião serão realizados – nem como o acompanhamento será monitorado.

Os jovens acham isto frustrante, pois sentem que as mensagens que compartilham de forma tão cativante já foram ditas nestes fóruns várias vezes.

Então, por que a participação genuína e significativa dos jovens e estudantes activistas é ainda mais vital durante a pandemia? Muitos dos jovens entrevistados notaram a necessidade de maior comprometimento dos formuladores de políticas para envolver jovens e estudantes em importantes tomadas de decisão que afectam suas vidas. Por exemplo, jovens e estudantes activistas da região africana constantemente referiam como a África é composta principalmente de jovens – portanto, as decisões, especialmente aquelas relacionadas à crise, devem ser tomadas em diálogo com eles.

Embora o processo não seja perfeito, o apetite por uma tomada de decisão mais inclusiva foi apreciado por vários jovens activistas. Mas a questão ainda permanece – como traduzimos intenção em acção através do ouvir e compreender?

Vimos a intenção de formuladores de políticas e organizações de construir uma agenda de jovens que represente a juventude em níveis globais na educação. Mas eles dirão a mim: 'Quero que envies certos representantes' e que 'certas autoridades estarão presentes'. Então, eles só querem ter este tipo de representação. Mas não é uma representação realmente criteriosa. *Eles realmente não convidam-nos a importar uma agenda. Eles apenas convidam-nos para eventos genéricos, para que possam tirar foto com eles e afixar isto a dizer que dependem dos alunos. —* **Entrevistado 5, 27 homem, Peru**

Durante esta crise, foi dada ainda mais atenção às escolas e aos alunos, porque os desafios que enfrentamos são mais óbvios do que nunca. Participamos de reuniões online, estamos a conversar com parceiros de alto nível, ou tomadores de decisão de alto nível que dizem 'solidariedade internacional!' ou 'nada sobre nós sem nós' – fomos ouvidos, mas não tenho certeza de que estávamos a ser compreendidos. — **Entrevistada 8, 22, mulher, Áustria**

Para uma jovem activista da Namíbia, estes compromissos precisam ser transformados em acção consciente. Muitas vezes, o desejo de envolver jovens e estudantes nestes diálogos online não combina com a compreensão de suas realidades e desafios cotidianos. Muitos dos entrevistados na região africana, por exemplo, destacaram que não têm acesso fácil à internet e aparelhos digitais em comparação com seus colegas em outras partes do mundo. Em muitos lugares, obter *data* (uso de internet) da Internet é muito caro. Além disto, alguns alunos não estão familiarizados com plataformas online como Zoom e Google Meets.

A experiência da juventude e de gente jovem é que muitas organizações internacionais parecem desconhecer estas questões e trabalham com a presunção que todos podem acessar facilmente os espaços online. Uma jovem activista compartilhou sua experiência específica quando convidada para uma reunião do conselho:

Eu levantei o desafio em torno do network *(rede) cerca de uma semana antes porque eu estava na zona rural e não tinha o WiFi (linha de internet). Eu tive que adquirir* data *(uso de internet) no meu próprio telefone para participar da reunião do conselho, que durou quase todas as horas da manhã antes do almoço! Se eu tivesse dificuldades financeiras, não teria tido a oportunidade de participar desta reunião do conselho. Mesmo organizações internacionais que são muito intencionadas sobre inclusão e dar aos jovens um lugar à mesa, podem estar a fechar os olhos para estas coisas, embora às vezes não deliberadamente. Não pode-se entregar uma caneta e não dar um papel para alguém escrever. No final do dia, isto é inútil. —* **Entrevistada 3, 27, mulher, Namíbia**

Com base na estrutura conceitual apresentada na Parte 2, a experiência compartilhada acima simboliza uma preocupação fundamental sobre o compartilhamento de espaços e poder. Os jovens agora exigem que compartilhar versus apenas ser convidado a participar de eventos, processos e mecanismos gerais que foram desenvolvidos por adultos. Eles agora exigem uma representação mais ponderada que considere e aborde os desafios que os jovens enfrentam.

4.4.2. Envolvimento dos jovens e estudantes na tomada de decisões: pontos de vista de partes interessadas e líderes regionais

A perspectiva de alguns das partes interessadas entrevistadas é que as vozes dos jovens e dos estudantes são cada vez mais reconhecidas como elementos importantes nos principais processos de tomada de decisão. Um parte interessada compartilhou, *sempre acreditamos que não pode-se falar de educação na ausência de seus principais beneficiários – jovens e estudantes* (Entrevistado 14, homem, parte interessada, África do Sul). Um líder regional na América Latina expressou que os adultos precisam fornecer espaço e apoio para que os jovens falem, organizem e advoguem. Habilitar isto significa que a compreensão está no centro do envolvimento.

Acho que a grande lição é aprender a ouvi-los [jovens]. Se não tivermos boas perguntas, é melhor deixá-los falar primeiro. Aprender com eles e suas próprias formas de comunicação que podem ser diferentes das nossas. Eles têm velocidade, em seus pensamentos. Eles são mais rápidos, são muito activos. Eles são capazes de organizar então deixemos que organizem. Os jovens precisam sentir que confiamos neles — **Entrevistado 15, mulher, parte interessada, Peru**

No entanto, semelhante às preocupações dos jovens, permanece o desafio de como garantir que estas vozes sejam ouvidas, levadas a sério e utilizadas como base para acções futuras. Ao refletir sobre uma série de doações concedidas aos jovens, uma parte interessada compartilhou que os jovens têm ideias inovadoras e úteis que podem ter efeitos significativos em suas comunidades (Entrevistada 19, mulher, parte interessada, África do Sul). Para outra parte interessada, qualquer tentativa de envolver os jovens em diálogos sobre políticas e práticas precisa-se primeiro questionar o que a participação genuína implica.

Antes mesmo de falarmos de 'genuíno' em si, temos que primeiro criar um pé de igualdade, temos que usar o mesmo mapa. Não podes esperar uma participação genuína se envolveres com os jovens depois deles terem feito suas oficinas ou desenvolvido documentos. Quando falamos de participação genuína, queremos dizer que os jovens devem ser co-autores, co-criadores, o que significa que eles devem fazer parte do processo. — **Entrevistado 14, homem, parte interessada, África do Sul**

A questão sobre quem pode participar destes diálogos sobre políticas também é importante.

…em muitos espaços globais, tinha jovens embaixadores que não tinham constituência nem credibilidade, mas foram escolhidos por grandes agências para representar a juventude, mas não vieram de nenhum movimento. Dissemos que isto é fundamentalmente errado. Precisamos de uma organização liderada por jovens, genuinamente um movimento de estudante, não interessado em vozes jovens, que possa ser escolhido aleatoriamente de qualquer lugar. Eles conectam-se com um movimento? Eles representam alguém? Eles têm a capacidade ou legitimidade? — Entrevistado 13, parte interessada, homem, Reino Unido

Além disto, também foi observado que alguns representantes de jovens às vezes liam um roteiro ou uma mensagem preparada que poderia ter sido desenvolvida por outros. A ênfase na representação no compartilhamento acima foi ecoada por outras partes interessadas entrevistadas.

O processo não intencional de convidar a representação de jovens e estudantes contribui para a participação simbólica (*tokenistic*). O Entrevistado 14 (homem, parte interessada, África do Sul) enfatizou que o critério de selecção deve ser que eles liderem ou representem uma comunidade que os responsabilize pelas ideias que trazem para as mesas de tomada de decisão. Não deve ser sobre quem pode falar vários idiomas ou comunicar-se bem.

As considerações precisam incluir as realidades sociais dos países ou regiões onde estes jovens e estudantes trabalham. Um líder regional no MENA (Oriente Médio e Norte da África), refletiu sobre a situação em sua região e como é importante garantir que os mais marginalizados sejam representados nos diálogos.

Na região MENA, estamos vivendo em situação de emergência. É importante trazer à luz as vozes das pessoas marginalizadas, especialmente refugiados, pessoas com deficiência, mulheres, idosos e jovens. A juventude é uma grande parte das populações da região MENA – eles representam mais de um terço da população e serão os futuros líderes desta região. Precisamos deles nas estruturas e domínios de formulação de políticas existentes. — **Entrevistada 6, mulher, parte interessada, Jordânia**

O desafio é abordar as questões de representação e simbolismo (*tokenism*) – quem pode participar e como eles serão envolvidos/como terão parcerias? Uma parte interessada de uma coalizão global sobre campanhas e parcerias de educação compartilhou que também há uma tendência de "praticar o simbolismo (*tokenise)*" nas experiências vividas pelos jovens. Ela observou que muitos diálogos globais concentram-se em jovens a contar suas histórias que fornecem uma perspectiva local sobre questões globais. Embora suas experiências cotidianas ofereçam importantes visões "do terreno", também é importante saber das suas ideias sobre possíveis soluções para abordar o problema em discussão com uma perspectiva global. Possíveis soluções que podem estender-se além do tópico de discussão e do cenário.

Os jovens não devem ser apenas convidados a falar sobre questões da juventude. Devemos também valorizar sua voz em questões de direitos humanos, eles podem falar sobre financiamento, orçamento, responsabilidade e muito mais. Sim, isto pode falado como estas questões que são relacionadas com os jovens, mas também obter sua perspectiva sobre as implicações mais amplas destas questões. — Entrevistada 17, parte interessada, mulher, EUA

4.4.3. Redução dos espaços da sociedade civil

No extremo oposto do espectro, alguns jovens e estudantes organizadores também salientam como os espaços da sociedade civil encolheram no auge da pandemia. Muitos forneceram exemplos de como as regras da pandemia, como o distanciamento social e os protocolos de quarentena, foram "armadas" por governos de estilo autoritário para reprimir ainda mais as vozes dissidentes dos jovens. Um líder de estudantes nas Filipinas disse que isto é parcialmente facilitado pelo facto do governo ter a 'vantagem' para implementar protocolos rígidos como resposta à pandemia.

Nas Filipinas, houve a aprovação da Lei Antiterrorismo, que eu acho que foi fundamental para a intimidação de muitos jovens e estudantes activistas e organizadores e os 'marcados em vermelho' como rebeldes e membros do Novo Exército Popular. Durante o COVID, o governo teve a chance de impor mais poder sobre as pessoas. — **Entrevistada 6, 22, mulher, Filipinas**

Alguns governos autoritários em toda a região tentam calar as vozes dissidentes. Por exemplo, houve um grande movimento contra a denúncia da brutalidade policial para com os estudantes e jovens. Então, estamos a sofrer com uma sociedade civil cada vez menor na Nigéria, mas é claro, como sabe, os jovens ainda estão a lidar com organização. — Entrevistado 1, 29, Homem, Nigéria

…muitos governos usam as restrições do COVID-19 para seu próprio bem para aumentar a vigilância sobre o que as pessoas podem compartilhar e não compartilhar sobre as pessoas e a ter mais leis contra isto, especialmente estão a tentar, eu sinto que eles usaram o COVID como uma desculpa para começar a 'limpar' as cenas políticas — Entrevistada 7, 28, mulher, Palestina

Tivemos muita repressão por denunciar e criticar a situação política porque obviamente temos sectores que recebem orçamento e sectores que estão a ser abandonados. E tudo isto ganha vida durante a pandemia. E quando estes movimentos de jovens denunciam estas questões, a resposta é violência – onde perdemos os jovens! – Entrevistado 5, homem, Peru

Brutalidade e violência policial, "marca vermelha", vigilância e censura são apenas algumas das muitas tácticas que os governos implementam para controlar e reprimir a organização de jovens e estudantes em vários países. É importante observar que, em alguns casos, jovens e estudantes precisam de autorização governamental para realizar as actividades. Um jovem activista da Namíbia descreveu que antes de algumas actividades eles são obrigados a entrar em contacto com a polícia para serem escoltados. Com o fechamento de muitas instituições governamentais, este processo tornou-se extremamente desafiador. Além disto, dá às instituições governamentais a oportunidade de controlar as actividades dos jovens/estudantes.

Finalmente, há alguns governos que fazem que não escutam às demandas dos jovens e estudantes. Uma parte interessada entrevistada na Albânia referiu-se a estas circunstâncias em que todos perdem – uma situação extremamente perigosa.

…o desafio é quando tens um governo que não ouve, que não considera suas preocupações por causa das suas prioridades já estabelecidas. Qualquer que seja a prova dada, qualquer esforço, se eles não quiserem ouvir... esta é uma situação em que todos perderão. — Entrevistada 12, mulher, parte interessada, Albânia

Fica claro nesta secção – da perspectiva dos jovens **e** das partes interessadas, que o envolvimento deve ser significativo e genuinamente participativo. Embora os espaços online ofereçam uma oportunidade para aumentar a conexão, ainda há muitos desafios que incluem os espaços cada vez mais reduzidos da sociedade civil em muitos países.

4.5. ‘Todos estavam tão consumidos em sobreviver’: o impacto multidimensional do COVID-19 nos jovens e estudantes organizadores

Embora muito do discurso concentre-se no impacto da pandemia nos jovens e estudantes organizadores que contribuem para as comunidades, muitos entrevistados destacam os inúmeros desafios e problemas pessoais que enfrentaram durante a pandemia.

Para que não esqueçamos, este é um lembrete de que os jovens e estudantes organizadores não estão imunes aos impactos físicos, mentais e económicos da pandemia. Além disto, a pandemia não substituiu os desafios e questões prépandemia que eles já enfrentavam – como a violência cotidiana vivida por estudantes e jovens em contextos de conflito e emergências.

Esta subsecção destaca o impacto multidimensional da pandemia nos próprios jovens e estudantes organizadores – não apenas no trabalho de activismo/advocacia que eles realizam.

A citação no título da secção acima foi de uma líder estudante e pesquisador que mora na Nigéria. Ela disse que houve um tempo em que *todos estavam tão consumidos, sabe, a sobreviver [COVID-19], não tivemos tempo de nos reunir para dizer, ok, vamos fazer alguma coisa, vamos encontrar uma maneira inovadora de ainda continuar com nossa actividade* (Entrevistada 4, 26, mulher, Nigéria). Mostrou a realidade de que muitos jovens e estudantes precisavam priorizar seu próprio bem-estar físico, mental, económico e de suas famílias. Outra estudante activista expressou que *há muito mais recuperação e restauração que temos que fazer* e que ela estava preocupada que as pessoas estão a começar a ‘normalizar’ os tipos de violência e lutas que jovens activistas enfrentam como ‘parte do trabalho’ (Entrevistada 8 , 22 anos, mulher, Áustria).

A mensagem colectiva dos entrevistados parece que ser “activista” é apenas uma de suas identidades e que “activismo” é apenas um de seus muitos espaços operacionais. Muitos deles também são estudantes, chefes de família e trabalhadores. Eles, portanto, precisavam encontrar emprego em mercados de trabalho difíceis para garantir que houvesse comida na mesa. Esta citação fervorosa de uma jovem activista na Namíbia resume os sentimentos de muitos jovens e estudantes entrevistados.

Não é como se as estruturas de liderança ou a ousadia ou a coragem de fazer as coisas não estivessem lá… elas estavam lá! Mas a questão principal foi a pressão que a pandemia trouxe, a instabilidade da saúde mental que os estudantes activistas estavam a passar. Agora está a fazer malabarismos entre ter perdido uma avó ontem, para ter um amigo na UTI por causa do COVID e agora ter uma família chefiada por filhos porque dois pais acabaram de falecer, para ser activista, a lutar pelos direitos e interesses dos outros – tudo isto trouxe muito fardo para nós, estudantes activistas. A forma como estamos a fazer as coisas obviamente foi impactada porque nossa saúde mental foi afectada. — **Entrevistada 3, 27, mulher, Namíbia**

Sua mensagem, ao lado de outras, é um lembrete forte de que muitas vezes os próprios estudantes e organizadores de jovens estão a enfrentar vulnerabilidades, traumas e violência semelhantes as que estão a tentar atender para outros.

Muitos jovens e estudantes organizadores compartilharam que sentiram-se sobrecarregados e, à medida que a pandemia progrediu, sentiram fadiga. Para estes jovens, não foi apenas o activismo que mudou para ser online, mas também outros aspectos de suas vidas – as aulas passaram a ser remotas, os aniversários foram comemorados virtualmente e os funerais tiveram comparecimento via Zoom. Muitas vezes, o trabalho activista, muito deles agora passou a ser online, intercalado com outros aspectos de suas vidas diárias. Como uma jovem activista compartilhou, às vezes fica difícil diferenciar entre algo que dá-me poder, ou que inspira-me ou torna meu dia melhor e meu outro trabalho, aquele que exige trabalho duro e não é muito divertido! (Entrevistada 8, 22, mulher, Áustria). Uma jovem activista nas Filipinas disse que problemas de saúde mental, aumento da ansiedade e depressão tornaram-se comuns entre seus colegas activistas porque *eles não podem fazer suas formas habituais de activismo* (Entrevistada 11, 24, mulher, Filipinas). Ela continuou a compartilhar com *'podes sentir-se conectado e perto das pessoas, mas quando fechas a sala do Zoom, sentes de repente desconectado novamente'.*

Esta realidade tornou um desafio para os líderes jovens e estudantes manter seus constituintes motivados, dadas suas muitas outras preocupações. Nas Filipinas, por exemplo, um jovem activista compartilhou que muitos de seus líderes estudantes e voluntários tiveram que retornar às suas províncias nas áreas rurais quando as universidades fecharam na região metropolitana de Manila, onde muitos deles residiam temporariamente. Como resultado disto, eles não eram tão activos quanto queriam ser. Curiosamente, alguns líderes estudantes entrevistados já expressaram a mudança nas práticas de sua organização para melhor levar em conta estas questões.

Ficou muito claro como a pandemia afectou os jovens em geral, e até eu, inclusive. Os alunos não podiam socializar e ir às escolas, os empregos das pessoas foram afectados, eles não conseguiram conectar com a família, alguns precisaram mudar para o exterior. Não vou generalizar, mas senti que muitas pessoas estavam a questionar o propósito de algumas de nossas causas. — **Entrevistada 7, 28, mulher, Palestina**

O número de abandono de escola aumentou durante a pandemia porque os jovens não conseguiam mais adaptar a este novo modo de aprendizado, é preciso ter equipamentos, internet. Às vezes, os jovens não estavam mais preocupados com questões mais abrangentes, mas como podem sobreviver, o que irão comer amanhã, como vão ajudar suas famílias... — **Entrevistada 6, 22 anos, mulher, Filipinas**

Nossos voluntários também precisam colocar comida na mesa. É por isto que mudamos nossa política de voluntariado para incorporar o auto desenvolvimento... investimos fortemente neles, patrocinamos treinamentos que os ajudarão a ter entrada no mercado, damos a eles a oportunidade de ganhar experiência de trabalho remotamente. Também os conectamos com mentores interessados, para que ganhem oportunidades de empregos remunerados. — **Entrevistado 1, 29, homem, Nigéria**

Apesar destes desafios, fica claro que jovens e estudantes não deixaram de trabalhar durante a pandemia. Alguns observaram um declínio no número de jovens e estudantes a participar de suas actividades. No entanto, eles compartilharam que muitas vezes navegaram por estes problemas – como mudar as políticas internas. A organização do entrevistado 1 mudou sua política de voluntariado – outro entrevistado observou que um número crescente de jovens está a voltar para actividades empreendedoras para gerar alguma renda.

Durante a Convenção Global dos Jovens, houve um apelo para maior atenção em garantir a saúde mental e o bem-estar dos jovens e estudantes organizadores – que destacou ainda mais este problema que foi exacerbado pela pandemia. Uma jovem activista das Filipinas disse:

Em meados de 2020, começamos a ouvir falar de pessoas impossibilitadas de comparecer à nossa convocação porque precisavam cuidar das mães porque estavam doentes, havia um fardo adicional nas famílias. Então, lá havia a necessidade de colocar o "cuidado" no centro do seu trabalho – muitos líderes estudantes precisam redobrar esforços não apenas para si mesmos, mas para seus membros que não são capazes de fazê-lo – **Entrevistada 11, 24, mulher, Filipinas**

Mas a realidade parece ser mais complicada do que ser remediada por retiros ocasionais ou pausas na saúde mental. Uma jovem activista sediada na Palestina viveu anos de violência e conflito e ser activista torna-se parte inseparável de sua identidade. Ela disse, *'literalmente às vezes só a existência, apenas o existir significa que estás a lutar por alguma coisa'* (Entrevistada 7, 28, mulher, Palestina).

Portanto, é importante questionar como ser activista relaciona com as identidades dos jovens.

Sim, o cuidado pessoal é muito importante, mas às vezes acho – e vou ser brutalmente honesta – acho que vem de um lugar privilegiado onde pode-se separar o activismo de sua vida. Para mim? Não pode. Não é uma coisa separada. Se eu não lutar pelos meus próprios direitos, isto afectará directamente minha vida. — Entrevistada 7, 28, mulher, Palestina

Quando começamos a ver os jovens a partir de uma lente de intersecção, entendemos que ser activista também é entremeado com suas outras identidades e necessidades. Compreender o contexto de como sua maneira de organizar mudou é inseparável da compreensão de suas lutas individuais.

4.6. 'Encontrar juntos as soluções': COVID-19, incerteza e solidariedade sem fronteiras

Não sabíamos o que era isto. Era aquele medo do desconhecido. Não sabemos como acabar com isto e nem temos soluções. E assim, estamos tendo que encontrar soluções juntos. — **Entrevistado 2, 32, homem, Gana**

Para muitos jovens entrevistados, a COVID-19 foi uma experiência compartilhada que serviu de base para a solidariedade além-fronteiras. A incerteza da pandemia, como refere-se o entrevistado acima, inspirou muitos jovens e estudantes a trabalharem juntos, seja regional ou internacionalmente, para encontrar soluções para problemas locais.

Anteriormente, discutimos como a mudança para métodos de campanha online permitiu que os movimentos ganhassem atenção e apoio global. Nesta secção, concentraremos em como o COVID-19 possibilitou de alguma forma o aumento da solidariedade entre organizações de jovens e estudantes.

Sinto que durante o tempo do COVID, nós, como estudantes activistas no mundo afora, sentimos que havia mais uma unidade sem fronteiras, o que para mim mostrou que não somos realmente definidos pelas fronteiras. Nós realmente pertencemos a uma comunidade global onde quase em todos os lugares havia algo acontecendo. Os efeitos que o COVID teve na África do Sul são semelhantes com a Zâmbia, o Zimbábue, a Botsuana, a Tanzânia, por exemplo. Isto deu uma visão maior de como podemos colaborar com líderes estudantes em diferentes países para encontrar uma solução sobre a melhor forma de acessar os estudantes dentro dos nossos países específicos. — **Entrevistada 3, 27, mulher, Namíbia**

Além disto, poder interagir uns com os outros, como por meio da Convenção Global e outras actividades da CGE, significou maiores oportunidades de aprender com as experiências de cada um e encontrar soluções locais por meio de exemplos globais. Jovens activistas da Nigéria e das Filipinas, que puderam trabalhar com uma variedade ampla de organizações e grupos durante o COVID, explicaram isto melhor.

Uma coisa positiva que aconteceu durante o COVID foi que podes, olhar além da tua situação ou contactos locais, alcançar outras pessoas. Sabes, ver o que eles estão a fazer e como também podes adaptá-lo à tua própria situação. Dá uma forma de chegar até eles para entender o que estás a fazer. Não necessariamente imitá-los – mas ver se há algo que pode ser adaptado ou aprendido. — **Entrevistada 4, 26, mulher, Nigéria**

O lado útil foi que houve muitas trocas de aprendizado e compartilhamento de experiências. O que foi bem sucedido na região africana, por exemplo, também pode ser aplicado aqui no sul e sudeste da Ásia. — **Entrevistada 11, 24, mulher, Filipinas**

É evidente que a comunicação e o trabalho online tiveram um papel e são populares. Alguns jovens expressaram que puderam trabalhar com outras pessoas com quem não haviam trabalhado antes. Alguns foram apresentados a organizações, formuladores de políticas e colegas que antes não estavam em seu radar. Isto significou uma oportunidade para construir mais redes e aliados. Ao trabalhar juntos, suas vozes são amplificadas e a influência é fortalecida.

A parceria com líderes de outras organizações para mais sinergia no trabalho de jovens e estudantes funciona. Vimos o movimento estudantil africano, por exemplo, onde eles tiveram que trabalhar com outras instituições para formar alianças com a universidade, algumas organizações de empoderamento de jovens. Precisamos de muito mais solidariedade entre as organizações de jovens. Uma organização de jovens não pode influenciar as decisões. Mas à medida que todos os jovens organizadores unem-se, eles formam esta sinergia e suas vozes tornam-se mais altas. — **Entrevistado 2, 32, homem, Gana**

Aprender com as experiências de outros também ajudou os jovens a compreender melhor as muitas desigualdades que existem além-fronteiras. Embora todos vivenciem o COVID-19, o nível de dificuldade difere significativamente dependendo de onde se está no mundo.

Se falamos com muitas organizações, sentimos que não estamos sozinhos numa luta – se tens colegas em outros países que estão a lutar pela mesma causa… estou a lutar por algo maior do que apenas eu… [problemas como a] crise climática só pode ser solucionada se trabalhares transcontinental e com todo o mundo. Embora também vejas que existem algumas lutas que não entendemos completamente, percebes que vivemos em privilégio. Então, esta troca é muito, muito importante e necessária. — **Entrevistada 8, 22, mulher, Áustria**

O COVID-19 e as oportunidades crescentes que o acompanharam forneceram interconexões para que jovens e estudantes encontrassem áreas de solidariedade e empatia, que permitiu trabalhar juntos e entender uns aos outros.

5. Uma Agenda para Acção: Implicações e recomendações de políticas

As vozes dos jovens e estudantes e sua resiliência exibida durante a pandemia global informaram a agenda de acção proposta da Campanha Global pela Educação para formuladores de políticas, organizações de desenvolvimento e o espaço da sociedade civil que prioriza vozes dos jovens e estudantes.

Dentro do contexto de questões e desafios que intersectam e mudam rapidamente causados pela pandemia, este relatório de pesquisa fornece fortes evidências de que jovens e estudantes continuam a defender e lutar por mudanças em suas comunidades e globalmente. Eles não pararam de trabalhar por suas causas, campanhas e prestação de serviços – apesar das tensões multidimensionais e interseccionais trazidas pela pandemia no seu trabalho e nas suas vidas pessoais.

Jovens e estudantes organizadores entrevistados durante esta pesquisa mostram, repetidas vezes, que os jovens não são mais apenas pés e mãos extras que implementam projectos criados por outra pessoa. Jovens e estudantes estão na linha de frente – eles são líderes em sua organização e incentivadores em suas comunidades.

Este Relatório acrescentou à evidência de que os jovens e os estudantes precisam ser envolvidos nos principais processos de tomada de decisão. As partes interessadas entrevistadas, juntamente com as declarações das principais organizações internacionais, reforçam a necessidade de centrar as vozes dos jovens em estruturas e processos importantes. Embora esta intenção exista há muito tempo e agora seja amplificada pela pandemia, ainda surge a importante questão de 'como'.

Como facilitamos a participação genuína e significativa dos jovens e estudantes?
Que lições foram aprendidas com os desafios que enfrentaram e as respostas que criaram durante a pandemia?

Este Relatório propõe três princípios fundamentais:

1. práticas participativas descolonizadas
2. compreensão interseccional dos jovens e estudantes
3. solidariedade estabelecida e global.

Figura 2. Princípios para promover o envolvimento genuíno e significativo dos jovens e estudantes

Práticas participativas descolonizadas	Compreensão interseccional dos jovens e estudantes	Solidariedade estabelecida e global
Compartilhar em espaços de diálogo não significa compartilhar poder. Uma lente de descolonização na participação incentiva os formuladores de políticas, profissionais e outras partes interessadas a apoiar jovens e estudantes e a reconhecer e abordar as relações de poder e as desigualdades que existem em ecossistemas de desenvolvimento dominados por adultos	Esta pesquisa ilustra claramente que, em muitas situações, os jovens e estudantes organizadores vivenciam desafios, vulnerabilidades e incertezas semelhantes, assim como muitos de seus constituintes. Este princípio incentiva as partes interessadas, os formuladores de políticas e os profissionais a reconhecer as identidades variadas dos jovens e estudantes organizadores e os diferentes espaços em que operam.	Diante de uma questão compartilhada, a pandemia destacou mais do que nunca a importância da solidariedade global entre jovens e estudantes, enquanto mantém-se atenção às realidades locais. Este princípio coloca a aprendizagem além-fronteiras no centro do envolvimento dos jovens.

Com base nestes princípios, estão quatro recomendações políticas importantes destinadas ao governo, formuladores de políticas, organizações internacionais e organizações da sociedade civil.

Definir e garantir a Participação Genuína e Significativa na política doméstica e nos órgãos internacionais.

1. Para organizações que são dirigidas por uma directoria executiva ou conselhos consultivos, garantir que jovens e estudantes tenham assento e poder de voto nestes órgãos de governança.
2. Reconhecimento de actos informais, ad hoc e não estruturados de activismo integrados em muitos grupos de jovens e estudantes, ao invés de valorizar e fortalecer apenas aqueles que são realizados em/através de grupos.
3. Assegurar que os jovens estejam envolvidos e que contribuam para moldar a agenda, envolvendo-os sempre que possível nas etapas de desenvolvimento do projecto – desde a concepção até a implementação e avaliação.

Reconstruir melhor através do aumento da capacidade e o acesso digital para organizadores dos jovens e estudantes.

1. Os governos garantem os gastos na superação da divisão digital nas áreas rurais e nas comunidades de baixa renda.
2. As organizações internacionais conscientizam e reconhecem o acesso desigual às ferramentas e recursos digitais para organizações dos jovens e estudantes.
3. Os doadores internacionais direccionam o financiamento e a provisão para uma recuperação inclusiva que visa fornecer acesso digital aos mais marginalizados.

Investir na organização da juventude, por meio de mecanismos flexíveis de financiamento, recursos e gastos para uma recuperação inclusiva e resiliente.

1. Os recursos também podem ser alocados na contratação de pessoal destacado exclusivamente no envolvimento dos jovens e no desenvolvimento de uma estratégia de envolvimento dos jovens.
2. As partes interessadas, os formuladores de políticas e os profissionais de desenvolvimento precisam desenvolver esquemas de financiamento que respondam às necessidades e estruturas em mudança da organização de jovens e estudantes. Esquemas que são flexíveis versus mecanismos de financiamento rígidos que excluem certos grupos devido à burocracia e formalidades. Por exemplo, os esquemas de financiamento podem ter critérios de elegibilidade mais flexíveis que podem permitir inscrições de organizações de jovens menores e mais novos.

Investir em programas e actividades de saúde mental e apoio psicossocial para activistas, especialmente em contextos de emergência.

1. Governos que investem mais e em melhores serviços de protecção, saúde mental e apoio psicossocial em todos os sectores e serviços comunitários.
2. Governos e serviços nacionais e locais adequados para desempenhar um papel activo na pesquisa e na compreensão da saúde mental dos jovens e estudantes activistas. Isto será parcialmente alcançado através do envolvimento significativo dos jovens na concepção e implementação de políticas relacionadas.

Conclusão

Esta pesquisa provou que os jovens e estudantes organizadores são inovadores e pensadores criativos, sem medo de quebrar o molde e desafiar o status quo (situação actual), mesmo quando confrontados com recursos limitados e respostas punitivas de actores estatais e não estatais.

Num momento de mudanças aceleradas, os jovens não ficam parados. Eles tomam o assunto em suas próprias mãos – com “nada sobre nós, sem nós” como um grito de guerra. Quando têm espaço para influenciar as políticas, os jovens exigem responsabilidade e melhorias nas políticas e programas que decepcionam a eles. Políticas e programas particularmente no contexto de corrupção, vigilância, policiamento e censura que reconfiguraram significativamente as relações de poder em espaços activistas.

Apesar da resiliência demonstrada, os desafios citados pelos jovens mostraram que há necessidade de forte apoio e participação genuína de formuladores de políticas, profissionais e outras partes interessadas. O apoio descrito nas recomendações acima deve considerar as questões no campo.

À medida que as comunidades emergem da pandemia, há um crescente reconhecimento de que jovens e estudantes têm um papel importante a desempenhar na construção da comunidade em direcção a um futuro pós-pandemia. A resiliência, energia, acção e criatividade de jovens e estudantes são recursos poderosos para reconstruir melhor.

O principal desafio agora é como transformar estes compromissos em mudanças conscientes em nossas formas de trabalhar e interagir com os jovens. Agora, mais do que nunca, é vital transformar intenção em acção. A CGE está comprometida em mobilizar e liderar globalmente esta mudança por meio da advocacia e divulgação da agenda de acção – estimulada pelas vozes dos jovens e estudantes em todo o mundo.

Obras citadas

Amnesty International (2020). *Activism in times of COVID-19: a time for change?* Available online: https://www.amnesty.org/en/latest/campaigns/2020/05/activism-in-times-of-covid-19/. Accessed 12 June 2022.

Asia South Pacific Association for Basic and Adult Education (2021). *Youth-led Action Research on the Impact of COVID-19 pandemic on Marginalised Youth.* Quezon City: ASPBAE

Bégin-Caouette, O., & Jones, G. A. (2014). Student organizations in Canada and Quebec's 'Maple Spring'. *Studies in Higher Education*, 39(3), 412-425.

Brain Builders Youth Development Initiative & CGE (2022). *Ride to Remote: Towards improving Nigeria's Education System amidst COVID-19 (Policy brief).*

Butler, U. M. (2014). Decolonizing the notion of participation of children and young people. In *Children and young people's participation and its transformative potential* (pp. 44-60). Palgrave Macmillan, London.

Chambers, R. (2005*). Ideas for Development.* London: Earthscan.

Cho, A., Byrne, J., & Pelter, Z. (2020). *Digital civic engagement by young people.* The Office of Global Insight and Policy: New York, NY, USA.

Chovanec, D. M., & Benitez, A. (2008). The Penguin Revolution: Student resistance to the neo-liberalization of education in Chile. In *Education and Social Development* (pp. 195-206). Brill Sense.

Christou, G., Theodorou, E., & Spyrou, S. (2022). 'The slow pandemic': youth's climate activism and the stakes for youth movements under Covid-19. *Children's Geographies,* 1-14.

Cooke, B., & Kothari, U. (Eds.). (2001). *Participation: The new tyranny?.* Zed books.

della Porta, D. (2019). Deconstructing generations in movements: introduction. *American Behavioral Scientist,* 63(10), 1407-1426.

Dressler, W. (2021). Quarantining activism: COVID-19, frontline defenders and intensifying extractivism in the Philippines. *Journal of Political Ecology, 28*(1), 453-470.

Earl, J., Maher, T. V., & Elliott, T. (2017). Youth, activism, and social movements. *Sociology Compass, 1*1(4), e12465.

Earl, J., Maher, T. V., & Pan, J. (2022). The digital repression of social movements, protest, and activism: A synthetic review. *Science Advances, 8*(10), eabl8198.

Fridkin, K. L., Kenney, P. J., & Crittenden, J. (2006). On the margins of democratic life: The impact of race and ethnicity on the political engagement of young people. *American Politics Research*, 34(5), 605-626.

Grasso, M. T., & Bessant, J. (Eds.). (2018). *Governing youth politics in the age of surveillance.* Routledge.

Guijt, I., & Shah, M. K. (1998). Waking up to power, conflict and process. In I. Guijt & M. K. Shah (Eds.), *The Myth of Community: Gender Issues in participatory development* (pp. 1–23). London: Intermediate Technology Publications, Ltd.

Head, B. W. (2011). Why not ask them? Mapping and promoting youth participation. *Children and Youth services review,* 33(4), 541-547.

Hove, B., & Dube, B. (2021). Covid-19 and the entrenchment of a virtual Elite private school: Rethinking education policies in Zimbabwe*. Journal of Culture and Values in Education, 4*(2), 84-94.

International Labour Organization [ILO] (2020) Global Employment Trends for Youth 2020: Technology and the future of jobs. Geneva: ILO. Available online: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_737648.pdf. Accessed 4 July 2022.

Klemenčič, M. (2014). Student power in a global perspective and contemporary trends in student organising. *Studies in Higher Education,* 39(3), 396-411.

Kowalewski, M. (2021). Street protests in times of COVID-19: adjusting tactics and marching 'as usual'. *Social Movement Studies, 20(*6), 758-765.

Kwon, S. A. (2013). Uncivil Youth. In *Uncivil Youth*. Duke University Press.

Leach, M., MacGregor, H., Scoones, I., & Wilkinson, A. (2021). Post-pandemic transformations: How and why COVID-19 requires us to rethink development. *World Development*, 138, 105233.

McQuaid, R. (2014). Youth unemployment produces multiple scarring effects. LSE Blog. Available online: https://blogs.lse.ac.uk/politicsandpolicy/multiple-scarring-effects-of-youth-unemployment/ Accessed 4 July 2022

Mercy Corps (2020). Youth unemployment: a global crisis. Available online: https://www.mercycorps.org/en-gb/blog/youth-unemployment-global-crisis. Accessed 4 July 2022

Millora, C., & Karunungan, R.J. (2021). *Students by day, rebels by night? Criminalising student dissent in shrinking democracies.* Oslo: SAIH

Mittal, S., & Singh, T. (2020). Gender-based violence during COVID-19 pandemic: a mini-review. *Frontiers in global women's health*, 4.

Mohan, G. (2014). Participatory Development. In V. Desai & R. Potter (Eds.), *The Companion to Development Studies* (Third, pp. 131–136). Oxon: Routledge.

Ndlovu-Gatsheni, S. J. (2018) Rhodes Must Fall, in Ndlovu-Gatsheni, S. J. (ed.*) Epistemic Freedom in Africa: deprovincialization andde colonization.* New York: Routledge, pp. 221–242.

Negrón-Gonzales, G. (2014). Undocumented, unafraid and unapologetic: Re-articulatory practices and migrant youth "illegality". *Latino Studies, 12*(2), 259-278.

Osler, A., & Starkey, H. (2003). Learning for cosmopolitan citizenship: Theoretical debates and young people's experiences. *Educational review, 55*(3), 243-254.

Pleyers, G. (2020). The Pandemic is a battlefield. Social movements in the COVID-19 lockdown. *Journal of Civil Society, 16*(4), 295-312.

Power, N. (2012). Dangerous subjects: UK students and the criminalization of protest. *South Atlantic Quarterly,* 111(2), 412-420.

Swartz, S., Cooper, A., Batan, L & Kropff Causa, L (eds) (2021). *The Oxford handbook of global south youth studies.* Oxford University Press.

Shin, J. C., Kim, H. H., & Choi, H. S. (2014). The evolution of student activism and its influence on tuition fees in South Korean universities. *Studies in Higher Education, 39*(3), 441-454.

Simpson, G. & Altiok A. (2020). *'Building Back Better': Youth, Risk and Resilience in the coronavirus (COVID-19) Pandemic.* Available online: https://www.accord.org.za/analysis/building-back-better-youth-risk-and-resilience-in-the-coronavirus-covid-19-pandemic/. Accessed 4 July 2022.

Savyasaachi & Butler, U. M. (2014). Decolonizing the notion of participation of children and young people. In *Children and young people's participation and its transformative potential* (pp. 44-60). Palgrave Macmillan, London.

Taft, J. K. (2006). "I'm not a politics person": Teenage girls, oppositional consciousness, and the meaning of politics. *Politics & gender, 2*(3), 329-352.

Tong, R. (2001). *Feminist Theory*. In International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences.

Ubaydullaeva, D. (2021). Student online protests in Uzbekistan: democratization of higher education as concomitant to the COVID-19 crisis?. *Central Asian Survey, 40*(3), 382-399.

United Nations (2020). The Sustainable Development Goals Report. Available online: https://unstats.un.org/sdgs/report/2020/The-Sustainable-Development-Goals-Report-2020.pdf Accessed 4 July 2022.

United Nations Population Fund [UNFPA] (n.d.). Adolescent and youth demographic: a brief overview. Available online: https://www.unfpa.org/sites/default/files/resource-pdf/One%20pager%20on%20youth%20demographics%20GF.pdf Accessed 12 June 2022.

United Nations Children's Fund [UNICEF] (2020). *COVID-19 and School Closures: One Year of Education Disruption.* Available online: https://data.unicef.org/resources/one-year-of-covid-19-and-school-closures/. Accessed 4 July 2022.

UNESCO (n.d.). Education: from disruption to recovery. Available online: https://en.unesco.org/covid19/educationresponse. Accessed 4 July 2022.

UN Women (2021). Persisting in the pandemic: Youth activism during COVID-19. Available online: https://www.unwomen.org/en/news-stories/feature-story/2021/12/persisting-in-the-pandemic-youth-activism-during-covid-19. Accessed 4 July 2022.

UN Envoy on Youth (2021). Global Report on Protecting Young People in Civic Space. Available: https://www.un.org/youthenvoy/wp-content/uploads/2021/06/Global-Report-on-Protecting.-Young-People-in-Civic-Space.pdf

Walsh C. (2018). The Decolonial For: Resurgences, Shifts and Movements. In *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis.* Durham: Duke University Press.

White, S. C. (1996). Depoliticising Development: The Uses and Abuses of Participation. *Development in Practice, 6*(1), 6–15. http://doi.org/0961-4524/96/010006-10

World Bank, UNESCO and UNICEF (2021). *The State of the Global Education Crisis: A Path to Recovery.* Available online: https://www.worldbank.org/en/topic/education/publication/the-state-of-the-global-education-crisis-a-path-to-recovery. Accessed 4 July 2022.

Yardo-SL and CGE (2022). *Impact of Covid-19 on the Free Quality School Education in Sierra Leone.* Available online: http://www.yardosl.org/publications/education-and-covid19-in-Sierra-Leone Accessed 4 July 2022

Anexo A: Perfil dos entrevistados

Entrevistado 1	29 anos, homem, residente na Nigéria. Ele é o director executivo de uma organização e iniciativa de jovens que defende a boa governança, a participação política e a defesa dos ODS. Seu trabalho inclui questões como liderança dos jovens, financiamento da educação e tecnologia educacional.
Entrevistado 2	32 anos, homem, residente em Gana. Ele trabalha em uma coalizão de estudantes composta por organizações de estudantes de mais de 50 países da África. Sua função actual envolve a capacitação na organização e ele foi anteriormente responsável pela pesquisa e gestão de programas.
Entrevistado 3	27 anos, mulher, residente na Namíbia. Ela é uma estudante activista e líder na Região da África Austral. O trabalho de advocacia de seu grupo abrange pesquisa e desenvolvimento, liberdade académica e questões sobre acessibilidade e condição financeira.
Entrevistado 4	26 anos, mulher, residente na Nigéria. Ela é estudante activista, economista do desenvolvimento e pesquisadora em início de carreira. Ela lidera e é membro de vários grupos de advocacia de jovens na área de educação, promoção das mulheres e desenvolvimento da juventude.
Entrevistado 5	27, homem, baseado no Peru. Ele é um líder de estudantes/director de uma organização composta por vários líderes de estudantes da região. Seu papel actualmente é trabalhar no monitoramento e avaliação dos projectos de seu grupo e garantir que eles estejam alinhados às campanhas nacionais.
Entrevistado 6	22 anos, mulher, baseada nas Filipinas. Ela é uma líder de jovens de uma organização política local baseada numa universidade filipina. Ela também é membro de um grupo que tem como foco a educação contra a pobreza. Ela tem sido fundamental na campanha para a aprovação da taxa de matrícula gratuita do ensino superior no país.
Entrevistado 7	28 anos, mulher, residente na Palestina. Actualmente trabalha como facilitadora de apoio psicossocial para comunidades propensas à violência. Ela também faz parte de uma campanha pela educação para todos na região árabe, onde representa o braço jovem da organização.
Entrevistado 8	22 anos, mulher, residente na Áustria. Ela é uma líder de estudantes que tornou-se activista aos 15 anos de idade. Actualmente, ela é membro do conselho do escritório organizador de uma união estudantil sediada na Europa que serve como plataforma de cooperação entre diferentes grupos da região.
Entrevistado 9	28 anos, mulher, baseada em Honduras. Ela é uma líder de jovens para a educação e advocacia da sociedade civil e é empenhada na luta pela educação inclusiva e equitativa em todos os níveis. Actualmente é representante da juventude numa organização internacional para parcerias educacionais.
Entrevistado 10	27 anos, mulher, residente em Gana. Ela é actualmente uma responsável de programa para uma união estudantil na região africana. Ela é dedicada na inclusão e educação de qualidade para todos.
Entrevistado 11	24 anos, mulher, residente nas Filipinas e é coordenadora de uma rede feminista liderada por jovens. Ela facilita a convocação de vários grupos de membros e a criação de vínculos para compartilhar conhecimento e melhores práticas entre estes grupos. Seu trabalho activista tem, há bastante tempo, tido ênfase na educação sexual geral.
Entrevistado 12	Mulher, Parte interessada, residente na Albânia. Ela foi ex-funcionária de uma coalizão educacional com sede na Albânia e actualmente trabalha com uma ONG internacional.
Entrevistado 13	Homem, Parte interessada, residente no Reino Unido. Ele é um grande apoiador e defensor da participação dos jovens na formulação de políticas e na tomada de decisões. Ele dirige uma unidade de participação cívica, justiça fiscal e serviços públicos numa grande ONGI.
Entrevistado 14	Homem, parte interessada, baseado na África do Sul. Ele é o coordenador global de um grupo internacional de advocacia com foco em educação, inclusão e direitos humanos. A organização tem um profundo compromisso com a participação significativa dos jovens.
Entrevistado 15	Mulher, líder regional, sediada no Peru. Por muitos anos, ela comprometeu-se com a educação para todos, defendendo a promoção da participação dos jovens na educação. Foi membro fundadora de uma ONG nacional focada em políticas educacionais inclusivas.
Entrevistado 16	Mulher, líder regional, baseada na Jordânia. Ela é gerente de capacitação e aprendizagem de uma campanha de educação baseada na região árabe.
Entrevistado 17	Mulher, parte interessada, baseada nos EUA. Ela faz parte da equipa de advocacia global de uma parceria e financiamento global dedicada à educação de qualidade em países de baixa renda.
Entrevistado 18	Mulher, líder regional, residente no Togo. Ela é gerente de capacitação para uma rede regional (África) com membros de 39 países africanos.
Entrevistado 19	Mulher, parte interessada, residente na África do Sul. Ela lidera o monitoramento e avaliação de uma organização/campanha internacional que defende a educação.

Anexo B: Tópicos discutidos durante as entrevistas

Entrevistas semiestruturadas - lista de tópicos para estudantes e jovens

Nota: como as entrevistas são semiestruturadas, usaremos uma lista de tópicos/temas que serão explorados durante a discussão (ao invés de um cronograma de entrevista rígido). Isto permitirá que os participantes também 'direccionem' a conversa para áreas importantes para eles e também garante-se não sair muito do tópico.

Introduções: recapitular o objectivo da pesquisa, verificar se o formulário de consentimento foi preenchido, verificar se o participante tem alguma dúvida, lembrar do sigilo e do direito de não responder às perguntas e encerrar a entrevista

1. Antecedentes: breve apresentação pessoal, nome da organização/iniciativa, tipos de actividades que estão a ser realizadas, ênfase/sectores (por exemplo, saúde, agricultura, etc), anos que trabalha como organizador de jovens/estudantes

2. Organização dos jovens antes do COVID
   - Sectores/áreas em que estava a trabalhar
   - Desafios e problemas que enfrentou antes da pandemia
   - Métodos/actividades/ferramentas que estava a usar no trabalho (por exemplo, mídia social, programas de educação comunitária, etc.)
   - Apoio que tem recebido de vários actores para o trabalho (por exemplo, financiamento, capacitação, etc.)

3. Organização dos jovens após o COVID
   - Quailquer mudança/modificação em suas áreas/sectores prioritários - o que facilitou esta mudança e como ela aconteceu?
   - Que tipos de desafios foram exacerbados durante o COVID? Algum novo desafio e algum problema que foi resolvido durante o COVID?
   - Como seus métodos/actividades/ferramentas foram adaptados tendo em conta as restrições do COVID/ pandemia (por exemplo, bloqueio, mobilidade limitada, financiamento reduzido)?
   - Como o apoio de vários actores mudou durante a pandemia? Como reagiu a tais mudanças?

4. Lições aprendidas
   - Qualquer estratégia e abordagem que implementou para adoptar prontamente a estas mudanças
   - Futuro: como esta experiência (por exemplo, mudança durante a pandemia) moldará o futuro da organização no seu próprio contexto.
   - Principais diferenças em sua organização antes e durante o COVID e o que permaneceu igual?
   - Qualquer lição importante que gostaria de compartilhar

Sponsored by: